

entendo que as três entidades poderiam ser ouvidas de uma só vez.

O SR. CONSTITUINTE CARDOSO ALVES — Todas as entidades que forem sugeridas aqui, por colegas, eu apenas acho que devemos ouvir uma de cada vez, para que se tenha tempo de exaurir o tema tratado por ela.

O SR. CONSTITUINTE ALDO ARANTES — Eu gostaria de deixar a decisão aqui de que estas três entidades serão ouvidas e o Relator trate de ver qual o horário.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — A idéia era a de apelarmos à Presidência para que ela convoque as sessões extraordinária noturnas, porque o horário diurno está todo tomado.

O SR. CONSTITUINTE ALDO ARANTES — Eu estou à disposição da Comissão.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — Porque aqui tem uma questão política, porque se tivesse que excluir alguém aqui...

O SR. CONSTITUINTE CARDOSO ALVES — Não vai excluir ninguém.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — Não, mas isso que eu gostaria de estabelecer. Então, não fica aprovado da forma que está.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Está aprovado, com a ressalva de que conseguiremos um espaço para ouvir esta e outras, temos também telegramas aí solicitando o comparecimento, nós combinamos com o Relator, vamos achar um dia para uma sessão extraordinária para ouvir todas essas. Não deixaremos de ouvir. Esse é o nosso dever.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — É o IPASE, CPT e a FETAEG.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Eu quero dar o telefone dos funcionários para os que quiserem comunicar a viagem ao Rio Grande do Sul e ao Mato Grosso do Sul. Funcionário Mauro, o ramal dele é 3509 e o da residência 242-5808; o nosso Relator, Constituinte Oswaldo Lima Filho, fone 223-0098 e o da residência 242-2762.

Concedo a palavra ao nobre Constituinte Roberto Cardoso Alves.

O SR. CONSTITUINTE CARDOSO ALVES — Tenho a impressão, Sr. Presidente, que, como irão poucas pessoas em razão das dificuldades naturais a essas viagens programadas, V. Exª poderia deixar estabelecido um princípio, segundo o qual os visitantes nomeariam sempre um relator para que ele aqui descrevesse sucintamente o que foi visto e que documentasse com os dados possíveis com fotografias a serem distribuídas a esta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Perfeito. O nobre relator tomará as providências.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — Aproveito a sugestão do nobre Deputado Cardoso Alves, para pleitear do Dr. Rubens, Presidente, do INCRA, se saber de S. Sª se o INCRA teria um fotógrafo que pudesse.

O SR. RUBENS INGELFRITZ DA SILVA — Nós providenciamos.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Vicente Bogo.

O SR. CONSTITUINTE VICENTE BOGO — Eu queria, Sr. Presidente, como Constituinte do Rio Grande do Sul, e o Deputado Ivo Mainardi, Constituinte, de estender o convite, em nosso nome, aos Constituintes da Comissão, para que acompanhassem essa visita nossa, que é de muita importância, uma vez que o acampamento da Fazenda Anone é o maior acampamento que já ocorreu no País, que eu tenha conhecimento, reunindo mais de oito mil pessoas trabalhadoras atualmente com 1.300 famílias acampadas lá. Acho que é uma experiência muito oportuna.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Eu tenho uma sugestão de uma visita, ao lado do Acampamento Ronda Alta, visita a Nova Ronda Alta. É próximo e acho que deve ser visitado.

E V. Exª, mesmo não sendo da Comissão, eu acho que a Comissão teria o prazer de receber a companhia dos nobres colegas.

O SR. CONSTITUINTE VICENTE BOGO — Eu só queria pedir, Sr. Presidente, a possibilidade de que pessoas fora da Comissão pudessem nos acompanhar, como um representante do INCRA, por exemplo, como guia, ou alguém que pudesse dar o testemunho local.

O SR. PRESIDENTE (Rachid Saldanha Derzi) — Dependendo do avião, o nobre Relator está autorizado, e ele decidirá naturalmente, a aceitar a companhia, especialmente do INCRA, e se fosse possível do Presidente.

Bem, estamos terminando, estamos no fim, já atrasados, eu quero agradecer ao nobre Presidente Dr. Rubens, a belíssima conferência, belíssima contribuição que trouxe a nossa Comissão. Naturalmente, há opiniões divergentes, mas foi realmente uma palestra que nos deixa a pensar e faz com que nós nos esforcemos para traçar uma diretriz, chegarmos a um acordo e sair desta Comissão um projeto, contribuindo assim para a nova Constituição brasileira.

Muito grato a S. Sª o Dr. Rubens da Silva, e, toda vez que necessitarmos, iremos socorrer-nos da capacidade do nobre Conferencista.

Muito obrigado a todos e está encerrada a reunião, lembrando que amanhã, às 14 horas, teremos uma reunião.

(Levanta-se a reunião às 19 horas e 20 minutos.)

ATA DA 7ª REUNIÃO (EXTRAORDINÁRIA)

Aos vinte e quatro dias do mês de abril do ano de mil novecentos e oitenta e sete, às quatorze horas e dezesseis minutos, em sala do Anexo II do Senado Federal, reuniu-se extraordinariamente a Subcomissão da Política Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária, sob a Presidência do Segundo-Vice-Presidente, Constituinte Fernando Santana e com a presença dos seguintes Senhores Constituintes: Mauro Borges, Virgílio Galassi, Ivo Mainardi, Jonas Pinheiro, Vicente Bogo, Oswaldo Lima Filho, Alysson Paulinelli, Cardoso Alves, Assis Canuto, Percival Muniz, Raquel Capiberibe, Rosa Prata, Fausto Fernandes, Ruy Nedel e Ubiratan Spinelli. Havendo número regimental, o Senhor Presidente declarou iniciados os trabalhos e passou-se à leitura da Ata da reunião anterior,

que foi aprovada por unanimidade. A seguir, deu-se início ao Expediente com o Presidente convidando o expositor, Dr. Ormuz Freitas Rivaldo, Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA —, para dar início à sua palestra. Usado o tempo regimental e não terminando o conferencista sua exposição, o Senhor Presidente solicitou aos presentes fosse dado mais dez minutos ao orador, no que foi atendido. Encerrada a exposição do orador, passou-se imediatamente aos debates. Interpelaram o expoente os seguintes Constituintes: Virgílio Galassi, Fausto Fernandes, Oswaldo Lima Filho, Jonas Pinheiro, Assis Canuto e Ruy Nedel. O Presidente interrompe os trabalhos às quinze horas e quarenta e seis minutos para comunicar compromisso inadiável e passa a Presidência ao Relator, Constituinte Oswaldo Lima Filho, que a assume e dá continuidade aos debates. Prosseguem os Constituintes a interpelarem o expositor: Ivo Mainardi, Mauro Borges, Alysson Paulinelli, Vicente Bogo, Virgílio Galassi e Ubiratan Spinelli. O orador retoma a palavra e responde aos interpelantes, encerrando suas palavras. O Presidente tece considerações sobre os debates, enaltece e agradece a presença do convidado. O inteiro teor dos trabalhos da reunião será publicado, após tradução das notas taquigráficas e o competente registro datilográfico, no **Diário da Assembléia Nacional Constituinte**. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente deu por encerrados os trabalhos às 17:18 horas. E, para constar, eu, Mauro Lopes de Sá, Secretário, lavrei a presente Ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelo Presidente. — Constituinte **Oswaldo Lima Filho**, pelo Presidente.

ANEXO À ATA DA SÉTIMA REUNIÃO (EXTRAORDINÁRIA) DA SUBCOMISSÃO DA POLÍTICA AGRÍCOLA E FUNDIÁRIA E DA REFORMA AGRÁRIA, REALIZADA EM 24 DE ABRIL DE 1987, ÀS 14:16 HORAS. ÍNTEGRA DO APANHAMENTO TAQUIGRÁFICO, COM PUBLICAÇÃO DEVIDAMENTE AUTORIZADA PELO SENHOR PRESIDENTE DA SUBCOMISSÃO: CONSTITUINTE OSWALDO LIMA FILHO.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Havendo número regimental, declaro aberta a reunião.

A presente reunião foi convocada especialmente para ouvirmos o Presidente da EMBRAPA, Dr. Ormuz Freitas Rivaldo, sobre questões pertinentes à reforma agrária.

Solicito ao Sr. Secretário Mauro Lopes que faça a leitura da ata da reunião anterior.

(É lida e aprovada a ata da reunião anterior.)

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Concedo a palavra ao Dr. Ormuz Freitas Rivaldo, Presidente da EMBRAPA.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Sr. Presidente, Srs. Constituintes e demais presentes nesta Subcomissão, é uma satisfação muito grande estar aqui para dizer algumas palavras sobre a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias — EMBRAPA. Entendo que o momento é de suma importância, porque estou diante de Parlamentares que têm uma responsabilidade muito gran-

de para com o povo que representam, e que irão dar seus esforços para espelhar a vontade popular na nova Carta para o nosso País. Pensamos que essa Carta dará mais condições de igualdade, em todos os sentidos, ao povo brasileiro.

Como Presidente da EMBRAPA, tenho a honra de falar aos Srs. Constituintes sobre esta Instituição que, infeliz ou inexplicavelmente, é pouco conhecida no Brasil, talvez até por muitos Parlamentares e também pela população brasileira, talvez um pouco por nossa culpa. É uma Empresa que possui uma credibilidade não só nacional como também internacional. É muito gratificante para nós, brasileiros, quando saímos do Brasil, ouvir palavras elogiosas à EMBRAPA.

Vou citar para os Srs. Constituintes alguns exemplos do que ouvi quando participei de encontros internacionais. No ano passado, no Centro Internacional de Agricultura Tropical em Cáli, na Colômbia, estava lá reunido com todos os presidentes de instituições de pesquisas da América Latina e Caribe. Posteriormente, fui ao México visitar o CIMIT — Centro Internacional de Milho e Trigo. Este ano estive em Roma como representante do Brasil, para falar sobre a pesquisa brasileira do Trigo. No início deste mês, estive nos Estados Unidos para verificar o andamento dos convênios celebrados com aquele país e, também, cientificar-me dos estudos de pós-graduação que 102 funcionários da EMBRAPA estão cursando em 24 universidades americanas. Em todos esses contatos que mantive com entidades internacionais, ouvi, com muito orgulho, elogios à EMBRAPA, que é considerada hoje uma instituição modelo da América Latina, e que mantém convênios com mais de 40 instituições internacionais. Já estamos fazendo também — só para dar uma idéia inicial da EMBRAPA, porque depois abordarei estes assuntos com mais detalhes — já estamos celebrando convênios com mais de 40 instituições internacionais para troca de material, capacitação, cooperação. Hoje, a EMBRAPA está sendo considerada como uma das empresas do mesmo nível, dos países adiantados. Ouvi com muita satisfação, as palavras do Prêmio Nobel da Paz de 1970 (na época da revolução verde), Norman E. Borlaug, quando esteve, ano passado, no Brasil com uma comitiva do Banco Mundial, para instruir o processo de um empréstimo. Disse S. S. entre outras coisas, "nos quarenta e dois anos de pesquisas, não havia encontrado uma empresa tão bem organizada e constituída no sentido de resolver os problemas de pesquisas num país". No que diz respeito às pesquisas de produtos e recursos tropicais, o Brasil está na frente de muitos países. No decorrer deste pronunciamento, citarei alguns exemplos que, acredito, que muito dos Senhores não sabem.

Como é a Empresa EMBRAPA? Como está constituída? Qual é o modelo da EMBRAPA?

A EMBRAPA foi criada, como V. Ex.ª devem saber, pela Lei nº 5.851, de 7 de dezembro de 1973, e foi instalada em 26 de abril. Portanto, depois de amanhã estará completando seus 14 anos. Nestes 14 anos a EMBRAPA já disse a que veio. Costumo também dizer que uma instituição como a EMBRAPA (instituição de pesquisa no setor agropecuário) não é só necessária a uma sociedade de qualquer país, é imprescindível. V. Ex.ª terão, no final desta minha primeira exposição, alguns exemplos.

Como dizia, tenho quase certeza de que são exemplos que muita gente não conhece em termos de produtos, em termos de resultados de pesquisas.

A EMBRAPA tem hoje, pelo menos, uma unidade descentralizada em cada Estado do Território brasileiro, possuindo cerca de 1.700 pesquisadores. Talvez seja uma das empresas de pesquisa maiores do Mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos, França e Índia, no que concerne ao número de pesquisadores. Dos nossos 1.700 pesquisadores, em números redondos, temos 400 doutores PhDs e 700 com mestrados. A capacitação profissional desse pessoal foi feita em muitos países, a saber: Estados Unidos, países da Europa, da Oceania, Austrália, Nova Zelândia e Brasil, evidentemente. O nosso País, hoje, já possui também, como os V. Ex.ª sabem, cursos de pós-graduação a nível de doutorado. Inclusive, este ano, já que estou falando de pessoal, só enviaremos pessoal para o exterior a fim de realizar cursos de pós-graduação a nível de PhD. Todo o mestrado será realizado no Brasil, porque é um investimento caro.

A Empresa investiu muito no setor de capacitação de pessoal, porque teve sempre uma preocupação: possuir pesquisadores altamente capazes, o que felizmente, conseguimos.

Nessa visita que fizemos aos Estados Unidos, principalmente às suas universidades onde temos pessoal em nível de pós-graduação, ouvimos elogios, que os melhores são os brasileiros. Isto nos entusiasma muito. O pessoal que sai do Brasil é para estudar, apresentam excelentes trabalhos, excelentes teses, e estas não são realizadas no sentido não só de uma capacitação pura e simples como são realizadas normalmente dentro de problemas brasileiros, em termos de pesquisas.

Esta capacitação em que a EMBRAPA investe, como disse, de forma firme, é um trabalho que não parará nunca, por que precisamos da renovação de pessoal. Todos sabemos que chega uma época em que o pesquisador tem que ser aposentado. Assim, se não tivermos um sistema contínuo de capacitação de pessoal, chegará uma época em que todos estarão aposentados, e teremos de fechar a instituição.

O que realizou a EMBRAPA? O que poderá realizar a EMBRAPA?

Isto que vou dizer agora está dentro das recomendações e sugestões que V. Ex.ª receberam, e que depois vou falar. Mais importante, talvez, do que o passado e presente da EMBRAPA é o futuro da pesquisa no País, porque esta é uma responsabilidade nossa, como homens conscientes das necessidades do País. Temos de buscar, por todos os meios, a nossa independência em tecnologia. O Brasil, hoje, talvez gaste, em termos de uma estimativa, cerca de 500 milhões de dólares em importação de tecnologias nas mais variadas atividades, seja na importação de equipamentos, seja na compra de sementes. Hoje, gastamos com a importação de matrizes — apenas alguns exemplos, esta é uma estimativa difícil, e ofereço estes números como uma referência — V. Ex.ª sabem muito bem que o Brasil hoje é o segundo exportador mundial de aves, pois todas as matrizes vêm do exterior, não estou dizendo novidade aqui, e se gastam milhões de dólares nessa importação. Gastam-se, ainda, dez milhões de dólares em importação de sementes de hortaliças. Este

valor não é o importante. O importante é que dependemos, e esta dependência é que nos assusta. Por isso, acredito que o mais importante é o fortalecimento da pesquisa, com o propósito de que seja entendida pela sociedade brasileira, pelos nossos políticos, pelos nossos governantes, porque amanhã as gerações que nos sucederão nos irão cobrar isso. Temos de possuir uma instituição de pesquisa forte, que realmente resolva ecnics na agropecuária brasileira. Então, esta é uma preocupação.

Sobre o que dizia no início, de a EMBRAPA ser pouco conhecida, temos de criar mecanismos para que esta se torne conhecida em termos de trabalho, do que realmente ela realiza. Precisamos do apoio da sociedade brasileira, precisamos do apoio dos nossos políticos, a fim de que consigamos preservá-la, com o objetivo de carreamos mais recursos. A pesquisa é uma atividade cara, que não termina nunca, há sempre alguma coisa a mais para ser pesquisada. Quando se fala em assuntos da área biológica, dificilmente teremos verdades definitivas. Então, a pesquisa não deve parar. Esta é a nossa responsabilidade.

Quando se fala, por exemplo, que o Brasil — muitas pessoas dizem, já ouvi isto de pessoas influentes — não deveria produzir trigo, porque pode comprá-lo muito bem pela metade do preço, ou menos, de outros países produtores, tais como os Estados Unidos e a Argentina, pergunto: seria muito cômodo para nós comprarmos esse trigo barato. E daqui a vinte, trinta, cinquenta anos ou mais, passaremos, mas o País continuará. Não teríamos conhecimento nenhum nem estrutura de produção.

Já que estou falando de trigo, vou dar uma exemplo que talvez muitos dos senhores não saibam.

Quando estive em Roma, representando o Brasil num congresso, para falar da tecnologia brasileira em trigo, pronunciei algumas palavras que preocuparam os que estavam lá. Havia mais de 40 países representados lá. Da América Latina somente treze instituições foram convidadas. México, Argentina e Brasil são considerados os países mais avançados em tecnologia. Pois bem, sabem V. Ex.ª o que ocorreu? Estava o Presidente do Instituto Nacional de Tecnologia e Agropecuária da Argentina, Engenheiro Carlos Lopez, ao meu lado. Depois que terminei de falar, disse S. S.: "Presidente Ormuz, convoque-nos para uma reunião no Brasil, porque precisamos conversar com os pesquisadores brasileiros sobre tecnologia do trigo".

Imaginem V. Ex.ª, um país como a Argentina, que ainda quando crianças sabíamos que exportava trigo para o Brasil, é um país tradicional, vir para uma instituição brasileira, como a EMBRAPA, pedir para dialogar conosco a respeito da pesquisa do trigo. Por quê? Porque o Brasil dispõe de mais tecnologia para a produção do trigo do que a Argentina. Esta, para muitos dos senhores, talvez seja uma novidade. A Argentina produz cerca de mil a mil e duzentos quilos por hectare, enquanto o Brasil possui lavouras produzindo cerca de 3 a 4 mil hectares. Aqui, no cerrado, já temos lavouras...

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Lavouras que produzem 1 mil e 400 quilos. V. S.ª falou em cerca de 3 a 4 mil hectares.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Produzem cerca de 3 a 4 toneladas por hectare. O Brasil, produz nas lavouras, desde que se adotem todas as tecnologias, de 3 a 4 toneladas em lavouras normais. A Argentina produz de mil a mil e duzentas toneladas. Por quê? Porque a Argentina não usa tecnologia. O solo lá é muito bom; é aquele solo que saiu do Brasil durante anos e que deixou os nossos morros sem a terra praticamente, e que foi formar aquele solo de aluvião riquíssimo. Então, usa-se uma média de dois quilos de fertilizantes para a lavoura do trigo naquele país, dispensando-se os corretivos. Com isso, eles descuidaram um pouco a tecnologia, enquanto no cerrado estamos produzindo 6 toneladas por hectare; 7 toneladas de trigo irrigado. O cerrado, que diziam que não produzia nada, que era uma terra estéril, que daria apenas para criar alguns bois rústicos, pois esse cerrado, que depois vamos dar alguns exemplos, também já está sendo desbravado pelos nossos pesquisadores.

A EMBRAPA, hoje, é altamente conceituada, servindo de modelo para muitos países que nos procuram. No final de 1985, esta empresa participou de uma licitação para prestar assistência agropecuária ao governo de El Salvador, no sentido de formar uma estrutura agrícola, e concorreram os Estados Unidos, Inglaterra, França e Brasil. O vencedor foi o nosso País. Já estamos prestando assistência àquele país, através de nossos técnicos. A Nicarágua está plantando nossa soja.

Quanto às realizações da EMBRAPA, entendo que uma empresa que hoje dispõe de uma estrutura dessas, evidentemente, após 14 anos, deve ter muitas realizações.

A EMBRAPA foi criada com quatro objetivos principais:

1) desenvolver pesquisas em produtos considerados importantes, economicamente ao Brasil e explorar áreas ainda não agricultáveis, tais como a região do semi-árido, a Região Norte (úmida) e os cerrados, que, como V. Ex^{as} devem saber, ocupam praticamente um quarto do Território Nacional.

2) Incentivo à criação de empresas estaduais, com o objetivo de atender às condições de cada região.

Hoje, temos no Brasil 14 empresas de pesquisas de que a EMBRAPA participa, algumas até com capital, pesquisadores, equipamentos. Enfim, essas empresas fazem parte do sistema cooperativo.

3) integrar-se às universidades e à iniciativa privada para somar recursos no sentido de ganhar tempo, utilizando-os de forma racional, que são, geralmente, pequenos para essa atividade.

4) cooperação internacional, isto é, celebração de convênios com entidades nos campos da assistência e capacitação de pessoal e troca de material genético.

Atualmente o Brasil mantém intercâmbio com todos os países do Mundo, no que concerne ao material genético, ficando apenas fora desse rol Cuba, porque havíamos rompido relações com esse país desde 1963. Entretanto, após o reatamento das relações diplomáticas com Havana, após 15 ou 20 dias, recebemos uma Comissão de Agricultura, liderada pelo Sr. Ministro da Agricultura daquela nação, acompanhado de seus assessores, solicitando socorro à EMBRAPA. Vêem

V. Ex^{as}, realmente a EMBRAPA é bem conceituada no exterior. Ainda sobre o modelo da EMBRAPA, em cada Estado, pelo menos, uma unidade de pesquisas. As unidades, que chamamos de descentralizadas, são os Centros Nacionais de Pesquisas, com dois tipos: Centros Nacionais de Recursos, como o Trópico Semi-Árido, o Trópico Úmido e os Cerrados. Temos os Centros Nacionais de Produtos. Assim, cito o exemplo do Centro Nacional do Trigo, o Centro Nacional de Pesquisas da Soja, o Centro Nacional de Fruticultura de Clima Temperado, o Centro Nacional de Caprinocultura. Aliás, o Brasil parece que é o único País que dispõe de um Centro Nacional para estudar os caprinos. Este ano fizemos um congresso, de cunho internacional, no Brasil, do qual participaram mais de 60 países, sendo considerados um dos melhores. Esse Centro está localizado na Cidade de Sobral, no Estado do Ceará.

São dois tipos de Centros Nacionais: Produtos e Recursos. Esses Centros, pela característica que têm de nacionais de pesquisa, coordenam a pesquisa em todo o País. Por exemplo, o Centro Nacional de Pesquisa da Soja, em Londrina, no Paraná, tem atuação até em Macapá, no Amapá. Atua também no Amazonas, porque pesquisa agrícola é diferente de outras pesquisas. Temos que pesquisar o local pelas diferenças de solo, de clima, do meio ambiente. A pesquisa feita nos cerrados pode dar resultados ou não, por exemplo, em Santa Catarina. Então, temos que fazer as pesquisas nos locais, porque o País é muito grande, é um continente. Desta forma, temos de possuir unidades espalhadas por todo o Território Nacional.

No que se refere aos Centros de pesquisas descentralizadas, há as unidades de pesquisa de âmbito dos Estados. Onde não haja empresa, a EMBRAPA tem sua representação. Ou a unidade de pesquisa de âmbito estadual, ou a unidade de pesquisas âmbito territorial, que abrangem os Territórios de Roraima e Amapá, denominadas (UEPATs, e, nos Estados, UEPAEs — Unidade de Execução de Pesquisas de Âmbito Estadual. Temos, ainda, os serviços especiais. Somando tudo isto, temos hoje, 42 unidades de pesquisas, abrangendo os mais diferentes produtos. Como funcionam esses Centros? Normalmente os Centros têm um ou mais produtos. Há Centros que dispõem somente de um produto. O Centro da Soja pesquisa também outros produtos. O Centro Nacional de Pesquisa da Uva e do Vinho pesquisa só a área vitivinícola. Há Centros que pesquisam vários produtos, tal como o Centro de Fruticultura de Clima Temperado, em Pelotas, voltado para a pesquisa do pêssego, maçã, pera, morango, várias culturas de hortaliças, o qual dispõe de uma equipe de pesquisadores.

Com respeito às realizações da EMBRAPA, mister se faz salientar que, com relação à cultura do trigo, este ano obtivemos uma das maiores safras de toda a História do Brasil, correspondente a cinco e meio milhões de toneladas. Não atingimos a auto-suficiência, porque aumentou 25% o consumo, e 70% das variedades são criações da EMBRAPA.

Então, àquelas pessoas imediatistas que dizem: "Não vamos pesquisar trigo", gostaria de enfatizar este aspecto do trigo, apenas para dar um exemplo bem marcante do que pode resultar de uma pesquisa bem orientada. Os colegas especialistas

na área — não somos, nossa especialização é outra, muita gente não sabe que somos pesquisadores da EMBRAPA, compleitei 11 anos de EMBRAPA no dia 2 do mês de abril, sou pesquisador da área da uva e do vinho, de trigo entendo muito pouco — os colegas especialistas na área são unânimes em afirmar que o Brasil, dentro de quatro ou cinco anos, não só será auto-suficiente em trigo como também poderá competir no mercado internacional. O nosso trigo realmente é caro hoje.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — O senhor me permite um aparte?

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Pois não.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Só para lembrar a V. S^a que o trigo vai ser a grande alternativa do período frio, de menor luminosidade, de toda área irrigada por aspersão no Brasil Central. A perspectiva de futuro do trigo é grandiosa.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Não sei se V. Ex^a estava aqui quando falei das condições do cerrado, que já estamos com uma produtividade de seis a sete toneladas.

Muita gente que não conhece, o público em geral, diz: mas para que pesquisar? Para que criar novas variedades de trigo?

Já que estou dando este exemplo do trigo, que me parece muito importante, os países todos pensavam que o Brasil jamais teria condições de produzir trigo. O trigo é uma cultura que, apesar de ser autofecundável, degenera a semente com o tempo porque tem variação genética. Sei que há técnicos aqui, como o Constituinte Alysson Paulinelli, que conhece bem o assunto e foi um dos que participou muito da EMBRAPA.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — Dr. Ormuz Freitas Rivaldo, já que fui citado, queria colaborar com o senhor.

Há oito meses fui convidado a lançar, no Alto Paranaíba, em Minas Gerais, uma nova variedade de trigo desenvolvida pelos técnicos da EMBRAPA, da EPAMIG e das empresas que compõem aquele projeto de assentamento, cuja média, nos três últimos anos, foi de 6.300 quilos por hectare. E me homenagearam, garantindo que posso voltar lá dentro de três anos, que eles me garantem que estarão com mais de sete mil quilos de trigo por hectare nesta região, o que coloca o Brasil, naturalmente, como um dos países de maior produtividade de trigo em áreas específicas.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Muito obrigado, Sr. Constituinte.

Vejam V. Ex^{as} que aquele pensamento imediatista, que sei V. Ex^{as} não têm, pode prejudicar muito o Brasil no futuro. Se tivéssemos acreditado naquelas pessoas que dizem: "Não, trigo nunca vai-se produzir no Brasil", não teríamos hoje uma estrutura capaz de chamar a atenção até dos nossos vizinhos tradicionais produtores, como a Argentina, à que me referi.

Essa tecnologia do trigo não é só a semente; é a época de plantio, é a correção do solo, é a fertilização. É uma conjugação de técnicas. Está provado que aqueles que seguem todas as recomendações da EMBRAPA conseguem lavouras de 4, 5 mil quilos, mas aqueles que dizem que não vão utilizar colhem 1.500, 2.000 quilos.

Esta é uma responsabilidade da EMBRAPA: produzir essa tecnologia, para que o Brasil produza os seus alimentos, qualquer que seja ele.

Somos um país que temos todos os tipos de clima. Produzimos de tudo. Lá no Nordeste, que depois, mais adiante, vou falar, e que V. Ex.^{as} conhecem, no Nordeste há um potencial enorme que está ainda inexplorado. A EMBRAPA, então, tem esta função, tem esta responsabilidade: gerar as tecnologias para aumentar a produção e a produtividade.

No caso do trigo, a que me referi, só seremos competitivos — e o Constituinte Alysson Paulinelli colocou muito bem — quando tivermos uma produtividade muito maior, porque, no momento em que verticalizarmos a nossa agricultura, isto é, aumentarmos a produtividade da nossa agricultura, é a melhor maneira de baixar os custos de produção.

Quem produz duas toneladas, e outro agricultor que produza quatro toneladas, teoricamente ele estaria dividindo por dois o preço, que seria de 50%. Não é bem assim, porque temos que usar insumos. Também a EMBRAPA pesquisa a parte de insumos, porque a nossa agricultura ainda é dependente de insumos, de maquinarias. Também temos que pesquisar alternativas para o Brasil neste sentido.

Além desta administração direta, voltando, então, às nossas unidades descentralizadas dos Centros Nacionais de Recursos e de Produtos e Unidades de Execução de Pesquisas de Âmbito estadual e territorial, também coordenamos — temos o nosso Sistema Cooperativo de Pesquisa Agrícola — a pesquisa com outras instituições, como as empresas estaduais, a que também já me referi, e uma administração indireta, o Sistema Estadual de Pesquisa, algumas universidades, e também instituições privadas, como cooperativas. Repassamos recursos e são desenvolvidas pesquisas. Só a orientação é da EMBRAPA.

Dito isto, sei que vão surgir muitas perguntas. Vou aqui referir-me a alguns exemplos do que a EMBRAPA já fez nestes 14 anos e quais as nossas prioridades.

Hoje temos prioridades. Logicamente temos de ter prioridades, porque sempre se fala em limitação de recursos. Vamos ver aquilo que realmente é mais urgente. Aparentemente tudo é urgente, mas há determinadas atividades que são mais urgentes, e estamos dando prioridade à Biotecnologia. Todo mundo anda pronunciando esta palavra por aí. Tivemos este ano a visita honrosa do Presidente Sarney lá ao nosso Centro de Recursos Genéticos — CENAGEN. Aproveito, inclusive, para convidar, V. Ex.^{as} a visitar esse Centro, que atende, em termos de recursos genéticos, a todos os Centros do Brasil e a muitos países, porque há país que está levando material nosso há muito tempo, aproveitando tecnologia nossa. Esse Centro já foi visitado pelo Senhor Presidente Sarney e por vários ministros. Será um prazer receber V. Ex.^{as} e mostrá-lo, porque falar é uma coisa, mostrar é outra.

Este Centro, hoje é CENAGEN e Biotecnologia. Por que Biotecnologia? É uma palavra, como disse, que anda aí, mas muita gente não sabe bem o que é Biotecnologia. Etimologicamente, sabemos: "bio" é vida, tecnologia, técnica. Então, técnica da vida. Dentro da Biotecnologia existe a engenharia genética, existe a cultura de tecidos,

existe a eletroforese. E assim são vários os trabalhos em Biotecnologia.

E por que damos preferência à tecnologia? Dentro da tecnologia é que existe o que chamamos caixa-preta da pesquisa. Ninguém abre isso. Está o exemplo dos avós — avós são as matrizes de aves, para quem não sabe — que temos que importar e gastamos milhares e milhares de dólares importando.

Que importância tem? Talvez agora não seja muito significativa, mas no futuro será de muita importância.

A Biotecnologia vai possibilitar técnicas que temos que descobrir por nós mesmos. Os japoneses não abrem mão dos seus conhecimentos em tecnologia de ponta. Daqui para frente, vamos ter dois tipos de países: aqueles que dominam a tecnologia de ponta e os que não a dominam. Queremos que o Brasil domine, e já temos exemplos muito marcantes desta área. Neste mês nasceram os primeiros bezerros idênticos, num trabalho de engenharia genética que se chama micro-manipulação de embriões. Dois bezerros idênticos. Por quê? Porque simplesmente já dominamos a técnica, somos o único País que domina esta técnica na América Latina. Pega-se o embrião em determinada fase e se corta em dois. Esses dois podem ser divididos em quatro; de quatro em oito. Podemos ter cem animais exatamente iguais. Um exemplo prático: se tivermos uma vaca leiteira que produza trinta litros, tiramos os embriões dessa vaca — não é uma simples inseminação, é muito mais do que isto — e criamos quinhentas vacas com um potencial, lógico teoricamente, que possam produzir trinta litros também. Só para dar uma idéia a V. Ex.^{as} da importância de um trabalho como este. Lá estão, para verem, se quiserem, os dois bezerrinhos nasceram exatamente iguais dia 22

é uma tecnologia nossa. A EMBRAPA está avançando neste sentido.

A cultura de tecidos: hoje temos material isento de viroses. Cito casos da videira. Temos castas as mais nobres adaptadas ao Brasil. Lá está o centro, e posso falar com muita segurança sobre o Centro de Uva e Vinho, porque dele sou oriundo, e esta é a minha especialização. Mas eu não vou cansá-los, porque levaria toda a tarde falando sobre este assunto. Só vou citar um exemplo, também, de Biotecnologia, na uva.

Hoje temos parreiras isentas de viroses, através de trabalhos com Biotecnologia e termoterapia conjugados, que nos deram material isento de viroses, que já estão sendo solicitados por empresas particulares. Os nossos vinhos melhoraram muito. Temos muita coisa por fazer e esse material está lá. Inclusive, no final do ano, adquirimos uma área de terra especialmente para iniciar a multiplicação desse material, para levá-lo ao viticultor de todos os vinhedos do Brasil. Os 95% das castas mais nobres, que produzem os melhores vinhos, são contaminados por vírus que diminuem a qualidade da uva, conseqüentemente a qualidade do vinho. Diminuem a produtividade e matam a planta. Temos esse material para ceder ao produtor, e vamos multiplicá-lo. Lá mesmo neste Centro, para citar outro exemplo: selecionamos um fermento, um sacaromisses, que é um fermento. O vinho é produzido por uma célula de fungo que se chama sacaromisse. Hoje há o EMBRAPA 20-B. É a primeira levedura nacional.

O Brasil depende de leveduras. Importamos e gastamos divisas. Pois, agora, já temos três leveduras selecionadas de milhares de leveduras nos vinhedos. Já temos esse material também, e já estão sendo vinificados os vinhos brasileiros com leveduras nacionais, selecionadas na EMBRAPA, trabalho que levou seis anos. Aquele dos vírus, levamos de oito a 10 anos para conseguir. É pesquisa a longo prazo. Por isso que às vezes as pessoas não se preocupam muito, porque é o imediatismo que tem mais interesse.

Apenas para deixar de falar um pouco em Biotecnologia na sua síntese, porque é assunto muito vasto: é a maneira científica de criar plantas ou animais adaptados às condições adversas e com resistência e produtividade suficientes para tornar um empreendimento produtivo. Exemplo: temos uma região muito salina no Nordeste, vamos criar uma planta que resista mais ao teor de salinidade; temos uma região muito seca, vamos criar uma planta que resista mais às condições de seca; temos uma região muito úmida, uma região muito quente, uma região muito ensolarada, enfim, criamos plantas que se adaptem melhor e, em se adaptando melhor, também são mais resistentes às adversidades, como pragas e doenças.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Permita-me.

Consulto o Plenário sobre esta exposição, que está sendo tão atraente, deve continuar ilimitada ou se devemos estabelecer um termo ou um prazo, já que o nobre expositor teve duas vezes aquele tempo normal do nosso Regimento. Não é nada de mais, porque é uma reunião que está tranquila, a exposição é muito boa, o assunto é da maior relevância para todos. Assim, consulto o Plenário quanto tempo devemos dar mais ao expositor. (Pausa.) Se não há quem conteste, daremos mais 10 minutos ao expositor. Então a exposição do Dr. Ormuz Rivaldo terminará às 15:10 horas, isto é, S.^o chegará a 50 minutos

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Vou ser mais sucinto.

Continuo com estes exemplos, que julgo importantes: a EMBRAPA, inclusive, foi acusada — não interessa por quem — de ser uma Empresa que trabalhava para multinacionais. Pergunto a V. Ex.^{as} "ma Empresa que tem todo um programa de controle biológico, que inaugurou uma fábrica para controle da lagarta da soja com baculovírus, fábrica de baculovírus, para diminuir a utilização de agrotóxicos, de venenos, que muitas pessoas ainda insistem em chamar de defensivos; uma empresa que busca uma agricultura alternativa para o pequeno produtor, para que este use os seus recursos de matéria orgânica, que ele sistematize o seu solo, que ele consiga fazer um controle biológico e, com isso, fique, realmente, explorando uma terra de forma praticamente indefinida, estável; uma Empresa que está desenvolvendo trabalhos para diminuir a utilização de fertilizantes químicos através de biologia do solo, com bactérias edificadoras não só nas leguminosas, porque o Brasil hoje não usa fertilizantes hidrogenados para soja, o que daria mais de 500 milhões de dólares só em adubos hidrogenados — nos Estados Unidos ainda se usa um pouco, não usamos mais, porque conseguimos raças altamente eficiente, uma Empresa que está fazendo todo esse trabalho, inclusive um trabalho inédito, para

citar apenas um — porque temos vários exemplos aqui — de bactérias edificadoras para gramíneas, onde o trigo hoje, com essa área que tem, seria beneficiado em mais de 100 milhões de dólares só em economia de adubos hidrogenados, o milho, as pastagens, a cana-de-açúcar, que são gramíneas, é um trabalho inédito no Mundo; uma Empresa que busca atender o pequeno produtor, fixá-lo à terra, dar-lhe uma vida digna, pode ser acusada de ser uma empresa que trabalha para multinacionais? Essas pessoas que pensam assim estão totalmente equivocadas, e nunca aceita e sermos uma Empresa que trabalha para multinacional. Trabalhamos para o Brasil e para os brasileiros.

Temos, como já citei aqui, o controle biológico, temos tecnologias alternativas, temos um compromisso com os nossos recursos naturais. Os nossos Centros exploram o cerrado, o semi-árido e os trópicos úmidos. Lá estão os nossos pesquisadores criando alternativas para que o meio não seja agredido, para que se respeite o ecossistema. Hoje a EMBRAPA possui tecnologias que possibilitam explorar a Amazônia sem agredi-la, permitem explorar o cerrado sem degradá-lo. Temos essas tecnologias, permitem que a figura do retirante no Nordeste esteja desaparecendo, porque lá temos tecnologia. A EMBRAPA estará presente também no futuro, graças ao apoio da sociedade, que, no momento em que souber mais sobre esta Empresa, nos dará mais apoio, principalmente os Srs. Parlamentares, os nossos políticos e os nossos governantes. No momento em que souberem o que esta Empresa faz e o que esta Empresa poderá ainda fazer, nos darão todo o apoio.

Costumo dizer, como pesquisador que sou, que hoje estou passando pela Presidência com uma responsabilidade redobrada, porque, como pesquisador, tenho menos direito de falhar. Esta Empresa tem que receber apoio para se fortalecer. Como disse, hoje sou Presidente, mas amanhã não o serei mais. No futuro, será outro Presidente, e a Instituição deverá permanecer, e temos que ter consciência de que esta Empresa deve ser bem conhecida, para ser cada vez mais respeitada.

Tenho aqui vários exemplos de trabalhos da EMBRAPA, de trabalhos que estamos fazendo, de pesquisas que demoram, como pesquisas com a seringueira, com o dendê. Hoje, uma semente de dendê custa 70 centavos de dólar. Pois a EMBRAPA. Já desenvolveu uma pesquisa para produzir essa muda a partir do tecido vegetativo, com trabalho de Biotecnologia. Pega-se um pedaço da folha e a transforma numa nova muda. Imaginem quantas mudas se conseguirão praticamente de graça com cultura de tecidos. Lá nos laboratórios, num tubo de ensaio, produzimos essas mudas. Enfim, trabalho de pesquisa com sanidade animal, com sanidade vegetal.

Termino a minha exposição, e me coloco à disposição de V. Ex.^a A EMBRAPA não é uma empresa do passado nem do presente. É muito mais do que isto. É uma Empresa que representa a soma do passado e do presente, preocupando-se firmemente com o futuro do nosso País, destinado a ser economicamente mais forte e socialmente mais justo.

Com isto encerro a minha primeira interferência. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Todos — acredito — estamos de parabéns por esta aula, por esta exposição, que realmente desnudou as nossas vistas à verdadeira capacidade da EMBRAPA e à sua extraordinária possibilidade de pesquisar e de ajudar a agricultura brasileira. E de parabéns estão aqueles que a fundaram e aqueles que a estruturaram também, como o nosso Agrônomo e ex-Ministro da Agricultura Alysso Paulinelli.

Pela inscrição — agora temos que ser um pouco rigorosos — vamos dar inicialmente a palavra ao Constituinte Fausto Fernandes, do PMDB do Pará. S. Ex.^a dispõe de 3 minutos.

O SR. CONSTITUINTE FAUSTO FERNANDES — Sr. Presidente, Srs. Constituintes, Sr. Conferencista Presidente da EMBRAPA o que mais me entusiasma nessa palestra foi a maneira como V. S.^a veste a camnisa da Empresa que dirige.

A grande tristeza, não como técnico, mas como produtor rural, exclusividade que exerço, é vermos o País — tão rico de solo, importar todos os produtos agrícolas. No ano passado só não importamos farinha de mandioca, porque não achamos de onde importar. (Risos). De outro lado, nós, lá no Estado do Pará, na Transamazônica, estamos vendo as safras se perdendo por falta de condições dos nossos produtores rurais.

Sr. Conferencista, conheço muito bem a sua Empresa. Quando Prefeito do meu Município, quando Deputado estadual e agora Deputado federal, conheço o trabalho que a EMBRAPA faz lá no Estado que represento, mesmo sendo originário do Estado do Bahia.

O que não aceito de sua conferência é a afirmação de que o trigo importado está custando mais caro do que o trigo produzido aqui. Não sei se esses números estão sendo bem manipulados.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSO PAULINELLI — V. Ex.^a disse que o trigo importado é mais caro do que o produzido aqui? Não, nosso trigo ainda está sendo produzido mais caro.

O SR. CONSTITUINTE FAUSTO FERNANDES — É isto que não aceito. Existe alguém manipulando esses números, para que o País não caminhe para sua autonomia de produção. Acredito, assim que os grupos, que as multinacionais, que os grandes grupos querem impedir que este País chegue à sua autonomia de consumo para o produto do trigo, e, por isto, comecem a criar esses obstáculos. É o homem, produtor rural, onde fica? O nosso solo abandonado não está somado aí? Então, é o que discordo.

Como Parlamentar, como produtor rural, coloco-me à disposição da EMBRAPA, porque também faço pesquisas na minha propriedade, também sou um aluno da EMBRAPA.

Vejo com grande tristeza que essa conferência, essa palestra tenha sido proferida aqui só no Constituinte. Espero que nós, produtores rurais, que nós, cidadãos brasileiros, possamos encontrar uma maneira de colocar nesta Instituição algo para que o Brasil passe a produzir alimentos necessários para os brasileiros e para abastecer o mundo que passa fome, e não vivermos na situação de País que não tem condições de produzir. O Brasil não tem necessidade de importar nada. O Brasil tem capacidade, tem condições de solo, tem condições de clima. Nesta grande

extensão territorial que possuímos, temos condições de produzir tudo.

Como produtor rural, como brasileiro, como Parlamentar, sinto-me envergonhado em ver a importação de arroz, de milho, porque em todos os Estados do Brasil, do Território do Amapá ao Rio Grande do Sul, se produz milho, e o Brasil importa milho. É uma tristeza para nós, é um desestímulo para nós, produtores rurais.

Fica, pois, a minha contribuição, como Suplente desta subcomissão, à palestra do Presidente da EMBRAPA.

O SR. RELATOR (Oswaldo Lima Filho) — Meu caro Constituinte, Colega Fausto Fernandes, em parte concordo com a sua observação. O trigo é matéria que nossos técnicos vêm examinando há longo tempo. Realmente as nossas condições de clima não são favoráveis à cultura do trigo, devido à proliferação de fungos e uma série de problemas que os nossos pesquisadores há mais de 20 anos, enfrentam, a nossa produção ainda não se equipara, em produtividade, a de outros países. As áreas de clima que temos que podem concorrer em produção de trigo, não são bastantes para suprir o consumo nacional. Quanto aos demais, não. Quanto ao trigo, esta é a realidade.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Com a palavra o Dr. Omuz Rivaldo, para responder ao Deputado Fausto Fernandes, que formulou o primeiro questionamento.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Meu nobre Constituinte, temos, no caso, do trigo, ainda o subsídio, que o Governo — parece — está tentando eliminar. Esse subsídio, acredito que não favoreça o produtor e, talvez, nem o consumidor. E ainda há um agravante do subsídio: dificuldade o desenvolvimento de outras culturas. A cultura da mandioca, por exemplo. No ano passado assistimos ao encerramento do Congresso de Mandioca, e foi unânime o pedido dos produtores de mandioca para que o Governo acabasse com o subsídio do trigo, porque estava praticamente inviabilizado a cultura da mandioca porque a mandioca não tinha competitividade com o trigo.

Sobre o problema do custo da lavoura, talvez haja algum problema de manipulação, não sei.

Inclusive aproveito para responder ao Companheiro da Mesa aqui, Deputado Oswaldo Lima Filho, que é o Relator.

A pesquisa, inclusive citei alguns exemplos, permite que, através do melhoramento das plantas, se consigam variedades — o que já se conseguiu, está-se conseguindo e vamos conseguir muito mais — resistentes aos fungos, a que V. Ex.^a se referiu, às pragas. Hoje, 95% do controle do fungo do trigo é realizado por controle biológico, através de micro-hemenópteros. Estamos até diminuindo, para o controle de pragas do trigo, a utilização de inseticidas.

Então, a pesquisa nos dá possibilidade futura de termos, isto também disse aqui e repito, condições de competitividade e condições de auto-suficiência. No futuro, não tenhamos dúvida, vamos produzir trigo para a alimentação de todo o povo brasileiro, nobre Relator.

Este ano colhemos 5 milhões e meio de toneladas. Nunca na história deste País se colheu tanto trigo. Por quê? Porque uma soma, um conjunto de tecnologias nos levou a isto. Aqui, o exemplo do nobre Constituinte Alysso Paulinelli, que falou dos 6.300 quilos por hectare. Demonstra a grande

potencialidade e a esperança que temos em produzir este trigo de forma barata.

Deixo bem claro aos Srs. Constituintes que a Embrapa tem o objetivo, o dever e o compromisso com a geração de tecnologias, não com a política. A Embrapa tem o compromisso com a política, para atender a uma política agrícola, mas não cabe à Embrapa realizar a política agrícola do País.

Estariamos interferindo numa área que não nos compete. Se um Governo, amanhã ou depois, quiser plantar soja lá no Amapá, a Embrapa tem essa tecnologia. É um exemplo também, que não dei, e vou dar agora. Antes do advento da Embrapa, a partir do paralelo 14 para cima, a soja não produzia, chegava a florescer, mas não produzia. Hoje está-se produzindo soja no Amapá. Se o Governo quer uma política de produção, a Embrapa terá essa tecnologia. No passado a Embrapa já mandou soja para a Nicarágua, que não tinha um pé de soja. Lá está a variedade tropical, a variedade cristalina criada pela Embrapa. Isto demonstra o grande potencial e o objetivo do trabalho desta instituição.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Jonas Pinheiro.

O SR. CONSTITUINTE JONAS PINHEIRO — Sr. Presidente, Sr. Presidente da Embrapa, não foi em vão que convidamos um representante da Embrapa para proferir esta palestra, esta conferência nesta Subcomissão.

Sempre digo que não acredito num desenvolvimento no nosso meio rural, não acredito em reforma agrária sem primeiro passar por alguns aspectos fundamentais da política agrícola no nosso País.

Ouvimos ontem a Embrater, que relacionou seu trabalho com a extensão rural e a assistência técnica. Estamos hoje ouvindo a pesquisa, e me preocupa muito, pela importância que devemos dar aos órgãos os meios para executar a política agrícola em função de uma reforma agrária. Estamos, ainda hoje, sem condições, por falta de tempo, de ouvir outros órgãos tão importantes quanto a Embrater e a Embrapa, qual seja, CFP — importante segmento da política agrícola do País.

A Comissão de Financiamento da Produção vai muito além destas três letras, faz muito do que as três letras que a indicam. Estamos, ainda hoje, por falta de tempo, sem condições de ouvir, também, o problema do armazenamento brasileiro, sem ouvir, também, o crédito rural nesta Subcomissão.

São todos estes aspectos importantíssimos que, na elaboração de uma nova Constituição, não podemos perder de vista, não podemos deixar de ouvi-los, porque sabemos que esses órgãos serão tão importantes quanto a Embrater e a Embrapa.

A propósito da pesquisa, lembro-me que, quando comecei como extensionista rural em 1982, pregávamos dos vizinhos, se não tecnologia, alguns exemplos para que repassássemos para outros vizinhos. Este era o trabalho nosso há muitos anos, desde 1982.

Ficamos muito satisfeitos quando a pesquisa no País foi institucionalizada em 1972. Só para dar um exemplo, em 1975, quando foi constituído o Programa Polocentro neste País, com a intenção de dar oportunidade para o aproveitamento do

cerrado brasileiro, sobretudo no Triângulo Mineiro, nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em Goiás, cujos Estados compõem, até hoje, 80% do cerrado brasileiro, veio naquela época despreocupar um pouco Mato Grosso, porque centenas de famílias de gaúchos, paranaenses e catarinenses já estavam caminhando para Mato Grosso, e sem nenhuma pesquisa, sem nenhuma tecnologia para o cerrado mato-grossense e desses outros Estados. Ficamos muito preocupados naquela oportunidade. Com a criação da Embrapa, e o trabalho da Embrapa junto ao Programa do Polocentro, vimos que aos poucos — a monocultura de arroz já está inviabilizando o trabalho dos agricultores no cerrado brasileiro, sobretudo no cerrado mato-grossense — vimos, aos poucos, foram-se apresentando outras culturas que pudessem fazer a rotação com o arroz e tornar o cerrado o sucesso de produção que hoje temos.

Lembro muito bem que plantávamos arroz na época e produziam-se 20 sacas por hectare. Três ou quatro anos depois, se passava para soja, para produzir 40 sacas de soja por hectare. Soja, naquela época, era considerada um produto de agricultores ricos; o arroz exatamente para o cerrado. Hoje, com a tecnologia que a Embrapa já nos apresenta, a abertura do cerrado se dá através da soja, produzindo 40, 50 sacas por hectare no primeiro ano, para, em seguida, colocar-se o arroz produzindo 40, 50 sacas por hectare. Há o milagre do milho. Estamos vendo uma produção de milho no cerrado — e nenhum de nós, técnicos, na época acreditávamos — de 70, 80 sacas por hectare, em média, no Centro-Oeste brasileiro.

Por isso, a importância da presença de V. S., Dr. Ormuz Rivaldo e dos técnicos da Embrapa deve ser registrada nesta Comissão, e daqui tiramos proveito para a nossa Constituição.

A respeito do trabalho todo que a EMBRAPA vem participando, ainda é muito pouco. A EMBRAPA tem um Centro Nacional de Pesquisa da Seringueira em Manaus, para dali irradiar tecnologia para todo o Brasil em situações tão diferentes. A EMBRAPA, segundo o que conheço ou desconheço, não tem mais nenhuma unidade de pesquisa em alguns lugares diferentes daquela área de Manaus ou de Belém.

Hoje, segundo pesquisadores estão provando, a melhor área para o plantio da seringueira está em Mato Grosso, em Rondônia está até fora da Região Amazônica.

A propósito, no ano passado apresentamos no Congresso Nacional uma idéia para a criação de uma VEPAE para a seringueira no Estado do Mato Grosso, para atender a esta região fora da área da região caracterizada como Região Amazônica.

Nesta Subcomissão, fazemos um trabalho no sentido de que a EMBRAPA tenha condições para que estenda realmente as suas pesquisas a todos os produtos, portanto, para o País, para que, na verdade, os técnicos hoje tenham condições de, em bases tecnológicas, dar a sua orientação aos produtores brasileiros.

Há poucos dias, em Cuiabá, foi realizado, o III Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa. Foi um encontro válido, porém, com alguns ataques à EMBRAPA, por ela ter sido considerada multinacional. Claro, quem a atacava poderia ter alguma razão para fazê-lo. Entretanto, nós que conhecemos o trabalho da EMBRAPA, que conhecemos o seu esforço, que, em termos de pesquisa, esta empresa tem apenas 14 anos, ainda

é nova, admitimos que o caminho da EMBRAPA está certo: depende de nós darmos apoio, sobretudo nesta nova Constituição Brasileira

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Apesar de o nosso Constituinte Jonas Pinheiro não haver formulado nenhum questionamento, V. S., Dr. Ormuz Rivaldo poderá, se quiser, falar a respeito do que foi exposto.

O SR. OSMUZ FREITAS RIVALDO — A respeito das considerações do nobre Constituinte. Já entregamos a V. Ex.^{as} sugestões de como fortalecer esta empresa, para que ela consiga prestar um trabalho, senão mais importante, pelo menos de maior amplitude, pelo qual possa atender a mais regiões brasileiras.

Concordo plenamente com o nobre Constituinte. Por isso, estamos solicitando o empenho de V. Ex.^{as} para que esta empresa seja fortalecida através dessas medidas ou outras que V. Ex.^{as} naturalmente irão sugerir.

Nobre Constituinte Jonas Pinheiro, não existe hoje, nenhum centro da EMBRAPA que não tenha deficiência de pessoal. Perdemos, por problemas, principalmente salariais, no ano passado, 550 funcionários, e este ano já 150. Quer dizer, 700 funcionários, se considerarmos que 10% deles são pesquisadores, que partiram para a iniciativa privada, porque os salários não eram compatíveis com esse alto e significativo trabalho dos pesquisadores. O Governo gasta muito dinheiro e tempo para formar um pesquisador hoje, para formar um PhD; leva de 6 a 8 anos e gasta uma boa soma de dólares. Precisamos deste apoio. Neste documento, que ainda terei a oportunidade de referir aqui, e discuti-lo talvez, com esses recursos poderemos ter esta Instituição mais fortalecida, e, assim, poderá atender aos seus objetivos.

Reconhecemos a deficiência do problema da seringueira, sabemos muito bem que outros Estados já têm grandes investimentos nesta área. Somente o Estado de São Paulo, até o ano 2000, vai ter 60 milhões de peças. Já entramos em contato com o Governo de São Paulo, para também nos entrosar e procurar, num trabalho conjunto, dar alguma contribuição a esse Estado. Sabemos que a Bahia, assim também como outros Estados, cultiva a seringueira. Estamos atentos para isto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Com a palavra o Constituinte Assis Canuto.

O SR. CONSTITUINTE ASSIS CANUTO — Sr. Presidente, Srs. Constituintes, congratulo-me com o Digníssimo Presidente da Embrapa, e faço duas colocações. Uma, com relação à necessidade, no meu entendimento, de que esta Subcomissão realmente possa produzir um trabalho que assegure recursos principalmente para que a pesquisa na área das ciências agrárias possa ser mais implementada ainda. Tenho acompanhado o trabalho da Embrapa, conheço alguns Centros de Pesquisas e sou testemunha da deficiência com que esta instituição tem sido onerada na consecução dos seus trabalhos. Inclusive tenho observado que a Embrapa, em função de uma política salarial inadequada, tem perdido — via de regra, acontece em quase todos os setores do Governo — tem perdido os seus melhores técnicos para empresas multinacionais ou grandes empresas nacionais que trabalham e atuam no setor da

produção de tecnologia. Este é aspecto que precisamos realmente levar em conta, porque entendemos que a pesquisa é muito importante. Se queremos reformar a vida do brasileiro, se queremos reformar a atividade econômica e social do País, acima de tudo é necessário assegurar recursos para que os nossos pesquisadores, os nossos técnicos, os nossos cientistas possam, realmente, fazer um planejamento de pesquisa a médio e a longo prazo. Precisamos de pesquisas, de respostas imediatas, mas precisamos também buscar as indagações, através de pesquisas, a longo e médio prazo, para realmente assegurarmos a nossa participação no concerto das nações desenvolvidas do Mundo.

Outro aspecto, com relação ao problema da cultura do trigo.

Com os conhecimentos disponíveis já da Embrapa, com os conhecimentos disponíveis já de domínio de nossos produtores rurais, poderíamos, se houvesse uma decisão política do Governo buscar a nossa auto-suficiência na produção de trigo num prazo muito curto, porque os cerrados estão aí, as variedades estão já selecionadas. É necessário apenas no meu entendimento, haja uma decisão política de Governo, de superar este impasse da produção de trigo. Inclusive, poderíamos muito bem, utilizando recursos de irrigação, fazer uma cultura de trigo e de soja na mesma área, culturas estas que trazem alguns benefícios do ponto de vista agrônomico, no sentido de não propiciar a geração de ciclos de doenças.

Realmente não tenho nenhuma pergunta. No entanto, não poderia deixar esta Subcomissão sem o testemunho e o respeito que tenho pelo trabalho da Embrapa, o respeito que tenho pelos seus técnicos, pela qualidade dos seus técnicos. Realmente, não concordo, de maneira nenhuma, com aqueles que afirmam que a Embrapa tem linhas de produção direcionadas exclusivamente para as multinacionais. É uma tremenda heresia.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Agradeço ao nobre Constituinte as palavras.

Conseguimos, na semana passada, uma melhoria salarial para o pessoal da Embrapa, graças ao empenho direto do próprio Presidente da República, que é um grande admirador da Empresa, e de vários Ministros, e logicamente, do nosso Ministro da Agricultura, Íris Rezende, e de muitos Constituintes também que nos ajudaram nesta tarefa. Houve um oxigeniozinho para os nossos pesquisadores. Esperamos que outras vitórias não de vir, e a Embrapa continue forte.

Muito obrigado, Sr. Constituinte Assis Canuto, pelas palavras dirigidas à Embrapa.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Concedo a palavra, ao nobre Constituinte Ruy Nedel.

O SR. CONSTITUINTE RUY NEDEL — Sr. Presidente, Srs. Constituintes, meu caro patrício, amigo e companheiro Ormuz Rivaldo.

Na campanha eleitoral passada, dando uma palestra sobre Constituinte, perdi alguns votos, talvez por falta de visão política ou excesso de verticalidade. Eu, que sempre havia sido céptico ao regime que se implantou no Brasil em 64, reservei alguns minutos de elogio, quando falei dos riscos que nós, numa democracia, numa Assembleia Nacional Constituinte, coríamos em regressar mais nas questões de soberania. E lem-

brava que se poderia dizer horrores do regime que havia findado, mas não se podia imputar-lhe a negociação da nossa soberania na questão da informática, no domínio das multinacionais, porque nós, como Governo, somos soberanos às multinacionais dentro de nossa Pátria, principalmente na questão da genética. Naquele momento eu elogiava a EMBRAPA. Sei que a pesquisa não se importa nem deve importar-se com o presente. A pesquisa aprende com o passado e a história e se volta para o futuro. A história passada, não sei se a informação que tenho é correta, nos diz que os incas tinham mais de 1.000 espécies genéticas de vegetais dentro de sua civilização. Hoje, a triste realidade do Terceiro Mundo é que estamos prontos para ser fritos em banha fria como povo escravo, porque perdemos toda a nossa soberania. E a EMBRAPA nos poderia devolver esta soberania, e seguramente acabaria devolvendo à Nação brasileira, como havia iniciado e como estava caminhando.

Deve ser da nossa competência introduzir, como matéria constitucional, tema de tamanha magnitude. Pessoalmente, peço ao nosso Relator, Constituinte Oswaldo Lima Filho, entre em contato com o Relator da Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças, a fim de que se encontre uma maneira vigorosa para que esta questão permaneça como matéria constitucional.

A sua palestra, Dr. Ormuz Rivaldo, foi de grande importância, não para defender a EMBRAPA, porque estamos aqui com uma Assembleia Nacional Constituinte, mas que a nossa soberania seja respeitada através do aprendizado que temos com pessoas que estão em determinados cargos do Governo e nos entregam temas que muitos talvez desconheçam. Além desta visão que já temos, aferida através de sua palestra, nos cabe uma pergunta: qual é o grau de dependência que a EMBRAPA sofre na mecânica, na técnica, na tecnologia de material não humano, de equipamentos? Qual a dependência do exterior para este tipo de trabalho de pesquisa? Sabemos que, muitas vezes, temos recursos humanos competentes, temos excelentes condições e intenções, mas no aparelho continuamos totalmente escravos.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Terminada a formulação do Constituinte Ruy Nedel, com a palavra o Presidente Ormuz Rivaldo, para responder ao questionamento.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Agradeço ao nobre conterrâneo, Constituinte Ruy Nedel, as palavras elogiosas.

Além do seu maior potencial, a que me referi, que é a sua riqueza humana, os seus recursos humanos, a EMBRAPA tem também uma riqueza muito grande em estrutura, em bases físicas e em equipamentos sofisticados.

V. Ex.^a se referiu à informática. Este é um assunto que também nos preocupa e é uma das nossas prioridades. Temos o nosso Núcleo Tecnológico de Informática em Campinas, e já está praticamente criado o Centro Nacional de Informática, para a fabricação de **software** para programações específicas da agricultura. Poderemos até, e digo, com orgulho muito grande, graças à alta capacitação de nosso pessoal nessa área de informática, poderemos produzir **software**, e também exportá-lo, talvez, para os Estados Unidos.

Temos equipamentos. O nosso pessoal, por ser altamente capacitado, e um grande número

de pesquisadores ter realizado cursos de pós-graduação em outros países, trouxeram de lá todo um conjunto de conhecimentos capazes de manipular esses instrumentos sofisticados, e, assim, partimos para a descoberta da nossa caixa-preta. Não vai longe, talvez seja muito difícil quantificarmos o tempo, dizer que daqui a 10 anos teríamos as avós, em termos de aves, não sei se seria uma afirmativa válida, mas é muito provável que até em menos de 10 anos tenhamos as nossas matrizes, como os avanços que temos em horticultura. Daqueles 10 milhões de dólares que importamos de sementes, 90% foram destinados à importação de sementes de hortaliças.

Temos aqui em Brasília um centro de hortaliças, como todos sabem, que está produzindo trabalhos fabulosos. Cito isto não trabalho do centro de hortaliças na cultura da batatinha. Importávamos, até bem pouco tempo, cerca de 1 milhão de caixas de sementes, principalmente da Alemanha e da Holanda; hoje isto não chega a 10%. Importamos menos de 100 mil caixas de sementes, graças a trabalhos de biotecnologia na produção dessas sementes, livres de moléstias bacterianas e viróticas.

A Embrapa — acredito — está preparada para ser, num espaço muito curto, que em pesquisa poderia ser cerca de 10 ou 20 anos, é muito difícil, como disse, estamos preparados para nos tornar realmente independentes tecnologicamente.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Santana) — Passo a palavra ao Constituinte Ivo Mainardi.

Peço desculpas aos Constituintes por ter que me retirar, por compromisso de viagem. Vou transferir a Presidência, regimentalmente, ao Sr. Relator presente, Constituinte Oswaldo Lima Filho.

O SR. CONSTITUINTE IVO MAINARDI — Ilustre Sr. Presidente, nobre Conferencista, nobres Colegas Constituintes:

Até nem deveria estar a inquiri-lo, Dr. Ormuz Rivaldo, porque fui obrigado a me retirar da sala, por motivo de força maior, e perdi a brilhante exposição que V. S.^a acabou de fazer, poderia até formular perguntas cujas respostas, poderiam já estar contidas na exposição. Assim mesmo, Dr. Ormuz Rivaldo, me aventure a perguntar.

Também não tive tempo de Lei "A pesquisa agropecuária e a Constituinte", por isso que lhe faço esta pergunta: para a nova Constituição, a futura Constituição, a Carta que estamos aqui para fazê-la, qual é o instrumento, qual é o mecanismo que a Embrapa estaria a pedir para que conste da futura Constituição, de forma a que ela possa contar com a contribuição da Embrapa, e, então, a futura Constituição possa oferecer instrumentos e mecanismos à Embrapa, para que esta Empresa também colabore para resolver o problema brasileiro, ajude a resolver o problema brasileiro, a fim de tirar o Brasil da situação em que se encontra? A pergunta, em síntese seria: a Embrapa oferece algum subsídio? E perdoe-me se a pergunta já foi respondida.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Não foi.

O SR. CONSTITUINTE IVO MAINARDI — Queiria exatamente saber isto: o que a Embrapa espera que conste da futura Constituição em seu favor, e, com isto, em favor do Brasil, em favor de tirar nosso País da situação em que se encontra?

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Com a palavra o Expositor, Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Nobre Constituinte, V. Ex^a encontrará na primeira página desse impresso as nossas sugestões, que estão especificadas nas informações complementares.

Estamos sugerindo que a Embrapa tenha recursos definidos, porque, logicamente, a pesquisa é cara e exige cada vez mais recursos. Precisamos ter mecanismos para que esta empresa não sofra solução de continuidade. Uma empresa de pesquisa, se perder determinado experimento, poderá perder 5 a 10 anos. Às vezes a falta de um recurso pode trazer uma perda de tempo muito grande, às vezes até irrecuperável, tendo que iniciar tudo de novo. É por isso que estamos aqui sugerindo que a EMBRAPA tenha como recursos principais a participação do PIB da agricultura ou de todo produto agrícola exportado **in natura**, como já é feito em alguns países. Temos aqui o exemplo da Argentina, que recebe 1,5% de toda exportação agrícola do país. Realmente eles têm recursos muito grandes. Temos exemplos aqui dentro do Brasil também. A CEPLAC — Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira, tem 10% da exportação do cacau para o seu orçamento. A CEPLAC é uma empresa de pesquisa. Aliás, não só de pesquisas, pois tem outras atividades com recursos definidos. E a tendência é sempre de aumentar, porque a lavoura cacaueira é importante no Brasil, igualmente a tendência é a exportação aumentar, carreando, assim, mais recursos para a própria empresa.

É isto que estamos solicitando aqui, sugerindo aos Srs. Constituintes desta Subcomissão, para que levem esta mensagem e que esta mensagem seja aprovada pelos Srs. Constituintes na sua grande maioria, pois assim teremos recursos de forma segura, de forma garantida.

V. Ex^a aqui poderá ler algumas dessas sugestões que fazemos. Fala-se aqui também em incentivos. Se existem incentivos para a parte florestal, se existem incentivos hoje para a parte cultural, por que não existir também incentivo para a parte científica, para a pesquisa?

Estas, Srs. Constituintes, são as nossas sugestões. Esperamos que V. Ex^a se sensibilizem, e tenho certeza de que se sensibilizarão, e teremos uma EMBRAPA forte, através desses recursos.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Mauro Borges

O SR. CONSTITUINTE MAURO BORGES — Antes de tudo, cumprimento ao Dr. Ormuz Rivaldo, Presidente da EMBRAPA, pelo brilhantismo da sua palestra e das respostas que vem dando às inquirições dos Srs. Constituintes.

Vou ser breve. Logo no começo da sua exposição, o Senhor disse que realmente a EMBRAPA era muito pouco conhecida, e é verdade. Uma das razões prováveis desse pouco conhecimento é que o trabalho excelente que a EMBRAPA produz é mal conhecido. Então, é um problema de difusão. Há necessidade de fazer melhor difusão, e, sem um maior exame, essa difusão deveria ser em três níveis: para as áreas altamente especializadas; para o pessoal que se interessa por todos os problemas nacionais — a classe média dos bem informados; e para o produtor, sobre-

tudo o produtor de poucos conhecimentos, não-intelectualizado. Isto é fundamental.

A EMBRAPA realmente executa um trabalho brilhante, mas pouco difundido. Se não me engano, a norma de difusão dessas pesquisas da EMBRAPA é feita pelo extensionismo da EMBRATER. Portanto, precisa realmente haver uma conexão bem feita e aumentar provavelmente os recursos — é fundamental —, porque se pode fazer um trabalho brilhante e esse trabalho fica profundamente prejudicado.

O Senhor disse uma série de coisas.

Sou um homem interessado em assuntos de agricultura, leio tudo que me chega às mãos. A imprensa brasileira se preocupa, em grande parte, com a política. O assunto político, por mais insignificante que seja, tem uma grande projeção, mas os assuntos econômicos, os assuntos que interessam, muitas vezes, fundamentalmente ao País não merecem os registros especiais. É preciso realmente conseguir-se uma forma para essa difusão por todos os meios, inclusive utilizando-se a televisão. Graças, talvez, a esses programas de televisão da Globo e da Manchete, tem havido uma difusão bem mais ampla nos últimos tempos, coisa muito interessante.

Com relação ao subsídio do trigo, realmente é assunto que merece longa conversa, que não é possível ser feita aqui. É um benefício enganador, narcótico, porque, na medida em que se dá subsídio ao trigo, se desestimula o plantio do trigo nacional e de outras culturas. O povo brasileiro era acostumado a comer, sobretudo no interior, pão de milho, broa de mandioca. Hoje o brasileiro não come mais nada, porque ficticiamente, por uma questão aparentemente social, de fazer com que o povo pudesse comer mais pão de forma barata, se beneficiou um produto estrangeiro, causando prejuízos muito sérios a nós.

Com relação à produção do trigo, parece que não há uma boa consonância. Ouvi a palavra do nosso eminente Relator, Deputado Oswaldo Lima Filho, que já foi Ministro da Agricultura. S. Ex^a teve uma fala um pouco pessimista sobre a produção do trigo.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Não é tão pessimista, é apenas .

O SR. CONSTITUINTE MAURO BORGES — O cerrado sobretudo.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Não, não é a questão do cerrado, é que há dificuldades que o próprio Relator reconhece quanto às pragas que nos climas quentes atacam o trigo.

O Expositor já nos salientou que o esforço da EMBRAPA é conseguir espécies resistentes a essas pragas, mas é um esforço para o futuro.

O SR. CONSTITUINTE MAURO BORGES — Não é bem assim, creio eu. Por exemplo, o cerrado, digamos, Brasília. Todo mundo sabe da secura do ar em Brasília, essa secura é um fator positivo para o combate aos fungos, um clima seco, como o nosso, dá muito menos fungo que o clima úmido do Paraná ou do Rio Grande do Sul, portanto, é um fator não desfavorável, ao contrário, favorável. O único fator realmente limitante é a pouca diferenciação das estações, talvez, e também o problema da baixa fertilidade, que de modo geral, acompanha o solo do cerrado, isto tudo é remediável com a calagem e com

a fosfatação. Quer dizer, o problema da fertilidade é um problema relativamente fácil. Essa questão climática pode ser um pouco melhorada pela irrigação.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Ao contrário do que se imagina, o subsídio do trigo tem favorecido o produtor nacional. O produtor nacional do trigo recebe quase o dobro do preço internacional do trigo.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — Há um equívoco muito grande com relação a este ponto.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — É o que nos informa o Sr. Ministro da Fazenda.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — O Ministro da Fazenda tem interesse em informação deste tipo. Na realidade, ele nunca informa certo, porque quando ele faz uma desvalorização do cruzeiro, por exemplo, em cima do cruzado, em 70,9, e desvaloriza o dólar em 36%, ele está jogando especialmente sobre a agricultura que exporta e que importa esse diferencial que ele não conta. Por outro lado, o Sr. Ministro da Fazenda precisava estar preocupado com o fato que o produto agrícola brasileiro está com 24% de taxa direta — é o único país do mundo que faz isso: 17 de ICM, 2,5% de FUNRURAL, já 1,5% de Imposto Social — ISS, PIS, PASEP, INCRA, Imposto Territorial, Imposto Sindical, chegando a 24%. Então, ele faz o seguinte: pega o preço FOB do trigo, coloca esse trigo, no Rio de Janeiro, tira todas as taxas, internaliza esse trigo a um preço FOB. Devo dizer que esse trigo já vem com subsídio externo. O americano está pagando um subsídio médio em torno de 28%, na data de hoje, ao trigo produzido lá, como no Canadá também. Então, se formos considerar esses dados, o tributo interno de 24%, as isenções fiscais, alfandegárias e tributárias de importação, mais o diferencial do subsídio lá de fora e o tremendo ônus na defasagem cambial, o nobre Relator vai ter uma surpresa bastante grande ao verificar que o trigo brasileiro é produzido a custo mais baixo do que aquele que estamos importando.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Ainda há poucos dias, assistimos às gestões feitas pelo Sr. Governador do Rio Grande do Sul, protestando contra o corte do subsídio ao produtor nacional de trigo, que os produtores do Rio Grande do Sul não podiam aceitar essa equiparação de preços

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — Talvez o Governador não soubesse fazer a justificativa.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Muito bem, obrigado pela colaboração.

O SR. CONSTITUINTE MAURO BORGES — A questão de pesquisa de frutas de climas temperados e de altitude. A EMBRAPA tem feito grandes pesquisas. Aqui temos a região da Chapada dos Veadeiros, uns 200 quilômetros ao norte de Brasília, é uma região de grande altitude e tem um clima temperado de altitude.

Apelo à EMBRAPA para que faça um estudo para pesquisa de fruta de clima temperado, que poderá abastecer a metade do Brasil.

Com relação à questão do incentivo para o desenvolvimento da pesquisa, precisa ser bem pensado, porque, quando se vincula à exportação, pode flutuar muito. O Brasil está perdendo em certas partes. Por exemplo, o café tem caído na exportação. Se houver um aumento de riqueza interna, o consumo vai aumentar bastante, e não sei até que ponto vamos ser grandes exportadores. É preciso, talvez, um meio termo entre exportação e outro recurso qualquer, a exportação pode baixar, flutuar.

Faria uma pergunta, mas não tem interesse constitucional, é uma pergunta mais técnica, relativa a sementes de pastagens. Se V. Sª pudesse indicar-me, depois, uma pessoa para me responder a essa pergunta após a palestra, ficaria satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao Sr. Expositor.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Falou-se no subsídio do trigo novamente. Gostaria de deixar de lado este assunto, porque a Embrapa é uma empresa que nem poderia estar discutindo esse problema do incentivo, que é da área econômica, do próprio Ministério. Então, estaremos-nos imiscuindo em assunto que não é da parte de pesquisa. Assim, me permito deixar esta questão um pouco de lado. Já foi bastante discutido este assunto.

V. Exª inicia fazendo alusão à extensão e à difusão. A Embrapa tem um Departamento de Difusão e Tecnologia e em cada unidade descentralizada tem um Setor de Difusão e Tecnologia, que está intimamente relacionado com os extensionistas da Emater ou empresa que, às vezes, têm nomes diferentes, dependendo do Estado. Normalmente é Emater. Esse trabalho todo é feito de forma muito integrada, muito entrosada. Ontem esteve aqui o Presidente Romeu Padilha, da Embrater, instituição fundada dois anos depois da Embrapa, exatamente para trabalhar em perfeito entrosamento, e esse entrosamento, logicamente, precisa ser incentivado. Acredito que o colega Romeu Padilha tenha dito aqui o que já se está fazendo e o que se está procurando intensificar, em termos de trabalho conjunto. Eu mesmo conheço essa área de extensão, porque, além de pesquisador já fui extensionista, fazia as duas coisas quando era pesquisador lá em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. Estamos, de certa forma, tão entrosados — e creio que o Dr. Romeu Padilha ele falou isto — que até temos papel timbrado com Embrater Embrapa. Demonstra a união que temos. Realmente estamos realizando um trabalho de cúpula no interior de todo o Brasil, com reuniões no mês de maio em todas as Regiões brasileiras e nos Estados.

Então, esse trabalho é feito. Logicamente há muita coisa a fazer. Ainda há o agricultor que não foi visitado, este País é muito grande. Acreditamos que esse trabalho vá melhorar muito e com isso aumentar o conhecimento do público, principalmente do agricultor, com relação aos trabalhos de pesquisa e extensão.

Sobre frutas tropicais de clima temperado, aqui, no Planalto, temos os trabalhos, principalmente do CPC — Centro de Pesquisas do Cerrado, que trabalha com várias faixas. É um Centro de Recursos, mas trabalha com pastagens, com gado, com frutíferas, com culturas animais. Seria interessante uma visita de V. Exª ao Centro de Recursos do

cerrado. Temos recebido, constantemente, comissões internacionais que vêm visitar os cerrados, para saberem o que estamos fazendo, e realmente saem com uma imagem muito boa dos cerrados. Temos lá muitas pesquisas com frutíferas, como manga, citros. Já temos esses dados e acreditamos que existem ótimas condições aqui para que se desenvolva a fruticultura.

A parte da semente, conversaremos depois, porque o meu tempo terminou.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Vicente Bogo.

O SR. CONSTITUINTE VICENTE BOGO — Meu caro presidente da Embrapa, Dr. Ormuz Rivaldo, somos conterrâneos, e, pelo que vemos, há aqui um grupo de gaúchos presente.

É dispensável declinar sobre a importância da Embrapa, que temos acompanhado e conhecemos muitos dos resultados benéficos que tem trazido à sociedade brasileira, e posso lembrar alguns ou um especialmente dos últimos tempos, o desenvolvimento do controle biológico de pragas, particularmente a questão do baculovírus, na questão de produção de soja, que permitiu economia muito grande, em termos de quem é produtor de soja, evitando aplicação de defensivos, pesticidas, especialmente defensivos, e barateando, portanto, o custo de produção. De fato, é uma grande conquista.

Temos conhecimento também do melhoramento genético que tem procurado fazer, através da pesquisa e do esforço da Embrapa.

Há algumas coisas, não vem crítica à Embrapa, que devemos avançar dentro da pesquisa, como, já foi dito aqui, a questão de cereais, particularmente a questão do milho. Pelo tanto que sabemos, a semente do milho, a sua maioria, ainda é controlada por multinacionais. É a Gargil, a Agroceres, e assim por diante, outras empresas de fora, que existindo...

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Mas a Agroceres é uma empresa 100% nacional.

O SR. CONSTITUINTE VICENTE BOGO — Pode ser, mas há outras que também dominam mais essa parte da produção de sementes do milho.

Poderia citar outros casos. O caso das aves, por exemplo. A produção de frango, que se está dando mais pela mistura dos anabolizantes, que permitem o inchaço do frango, não é bem o crescimento. Sua aplicação se faz, às vezes, misturados, incorporados na ração ou nos concentrados, que estavam proibidos. Parece-me permanece essa proibição da aplicação do anabolizante a nível da agropecuária. E algumas coisas interessantes que aconteceram já no passado podem servir para evitá-los no futuro, como foi o caso da peste suína, que tirou do País quase a circulação do suíno preto, vermelho, entrando o suíno branco. O mesmo caso tem ocorrido na área dos vegetais, caso do algodão, que veio o pulgão af de repente: o cancro crítico, na laranja; e, assim, em tantas outras áreas têm ocorrido fatos que causaram grandes prejuízos econômicos ao País.

Temos uma preocupação, e a Embrapa pode dar uma contribuição grande para a melhoria ou a pesquisa das sementes crioulas, por exemplo, no caso do milho ou de outros cereais, de outros produtos de consumo interno de alimento da nos-

sa população. Neste sentido, a pesquisa é importante, tanto a nível empresarial quanto a nível de subsistência. Até gostaria de saber de V. Sª como está sendo definida a política de pesquisa da Embrapa. Quem determina as pesquisas na área animal e vegetal? É uma pesquisa própria, interna, ou tem alguma determinação ministerial ou oficial?

Não tenho realmente, conhecimento mais específico.

Outra questão que levanto, se V. Sª puder colaborar, embora não estejamos numa Comissão de Inquérito, estamos numa Subcomissão da Constituinte, se V. Sª tem à mão a informação, quais as principais pesquisas que estão sendo feitas pela EMBRAPA, no que concerne à diversificação, a mini e pequena propriedade rural, haja vista que temos quase três milhões de pequenas e médias propriedades rurais no País.

V. Sª mencionou antes outro setor pioneiro de pesquisa, por exemplo, o do dendê. Pelo que consta, a primeira indústria é de um companheiro nosso, Colega da Subcomissão, e ele se referiu, esta semana, dizendo que são necessários seis mil hectares ou mais, para torná-la viável comercialmente ou do ponto de vista empresarial.

Hoje estamos discutindo a reforma agrária, a possibilidade de haver, quem sabe, até uma limitação de propriedade. Creemos que no futuro ou, quem sabe, com a evolução da pesquisa, se possa até tornar viável também o dendê numa pequena propriedade, bem assim outros produtos.

Neste sentido, gostaria de ter algumas colocações de V. Sª

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — O nobre constituinte me faz tantas perguntas que, em três minutos, dificilmente poderei respondê-las. Vou tentar sintetizar.

Houve uma colocação sobre controle biológico, baculovírus, que é um trabalho da EMBRAPA. Hoje, se percorremos aqui o Distrito Federal, em toda cultura de soja não se usa, não diria defensivos, não se usa veneno. E não é só a economia que interessa. Talvez mais importante do que a economia seja a preservação da saúde do homem, dos animais e do meio ambiente. Esta, talvez, mais importante do que os dólares que deixamos de gastar, que também são importante. Hoje o controle biológico da lagarta da soja pelo baculovírus dá uma economia, por hectare, de quase 200 cruzados. Milho — temos um serviço de produção de Sementes básicas, temos um centro Nacional de pesquisa de milho e sorgo, em sete Lagoas, próximo a Belo Horizonte, que produz também sementes básicas. A semente crioula, à que o nobre Constituinte se referiu, deverá ser uma semente de baixa produtividade. Queremos sementes de plantas resistentes e de alta produtividade. Hoje esse nosso Serviço de Sementes Básicas produz, se somarmos todas as sementes das plantas, no ano passado tivemos uma produção de 15 mil toneladas de sementes; ente ano, estão previstos praticamente 20 mil toneladas de sementes. Essas sementes são altamente qualificadas, em termos de rendimento e resistência.

O Deputado Vicente Bogo também fala sobre o problema de rações com antibiótico ou saúde animal. Aí, me permito dizer que escapa um pou-

co ao controle da EMBRAPA, é da Inspeção do próprio Ministério da Agricultura, que tem serviços especiais de inspeção de saúde animal e vegetal. Não que eu queira simplesmente livrar-me do problema, mas não nos compete. Temos trabalho de pesquisa de sanidade animal. Inclusive agora ampliamos, talvez vamos até assumir, lá em Pedro Leopoldo, o LANARA, é o maior laboratório da América Latina e um dos maiores do Mundo. A EMBRAPA vai-se dedicar à pesquisa com muito mais profundidade. Temos no Rio, no km 47, uma parte de sanidade animal, que faria estudos na parte de pestes suínas. Há outros problemas sérios, como a parte do carrapato, que dá um prejuízo de 1 milhão de dólares, segundo a FAO, ao Banco Mundial, só o carrapato na pecuária brasileira. São problemas que realmente temos que atentar.

Quanto à política de pesquisa, o que faz a EMBRAPA? A EMBRAPA tem todo um conjunto de atividades, tem os seus Centros, ela não inventa pesquisas, ela faz todo um estudo. Estou vendo, lá no fundo, o Gerente-Geral de Produção de Sementes Básicas, Dr. Bento. Depois, se V. Exª quiser mais alguma explicação, o Sr. Bento poderá complementar.

Quanto ao problema dessa regionalização de pesquisas, precisamos, como eu disse, momentos antes, precisamos pesquisar para a região. Cada região é diferente; há, às vezes, até um microclima, num mesmo Estado há vários climas. É muito difícil. Temos um sistema e não só o extensionista como também entidades privadas, os agricultores, através de suas entidades, de seus sindicatos, de suas cooperativas, e vemos quais são as necessidades de pesquisas, logicamente dentro de um âmbito nacional, dentro da própria programação de produção do Governo, através do Ministério da Agricultura, ao qual estamos vinculados. Essa pesquisa é realizada assim. Temos também algumas prioridades, em termos de pesquisa de produtos, as pesquisas dos produtos chamados básicos para a alimentação do povo brasileiro, o arroz, o feijão, a mandioca, o milho, o leite e, agora, a carne. O sorgo também foi incluído.

Rapidamente, é a resposta que gostaria de dar ao nobre Constituinte.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Virgílio Galassi.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Sr. Presidente, sou um defensor da política agrícola e tenho que reconhecer a aplaudir que o caminho mais curto para o aumento da produção e para alcançar a produtividade, é, indiscutivelmente, a pesquisa, e que a produtividade, ao lado dos valores dados ao produto agrícola, sem dúvida nenhuma forma a estrutura básica dessa política agrícola, que traz o estímulo, a remuneração e a economicidade ao processo.

Acompanhei, com muito interesse, os trabalhos, e me congratulo pela oportunidade de ter ouvido hoje o Dr. Ormuz Rivaldo, porque realmente as informações que S. Sª traz à nossa Subcomissão são de grande valia.

Sou do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, região do cerrado. Tem a EMBRAPA alguma estação de pesquisa naquela região?

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Temos em Sete Lagoas e em Coronel Pacheco, no Centro de Pesquisa de Gado e Leite.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Vi pelo seu mapa. Ofereço-me para garantir a V. Sª a adesão de, no mínimo, 50 propriedades no plano de pesquisa na minha região, porque temos problemas importantes de estudo da juta, da seringueira, de pastagens consorciadas, de aves, suínos, forrageiras, grãos, confinamento de engorda de bovinos, engorda de boi em regime extensivo na região do campo, com braqueária.

Uma observação: em Campos do Indaiá, campos brancos, de PH de 5 e 5 e pouco, em pastagens sem serem calcariadas nem fosfatadas, pelo simples manejo, salinização e aplicação de estimulantes legais permitidos pela lei, estamos nos aproximando de bois de 20 arrobas. Na semana passada um amigo nosso abateu um boiada engordada num campo desses com mais de 19 arrobas. V. Sª vê que é uma conquista, e chamo a atenção para a própria pesquisa. Temos muito interesse também no congelamento do sêmen de equinos, de caprinos, etc. Isso tudo justifica a presença da EMBRAPA ali. Coloco à sua disposição toda a estrutura que for necessária, para que V. Sª possa pensar na possibilidade dessa instalação.

A EMBRAPA pode, também, acompanhar as pesquisas particulares em atividades agropastoris? — Primeira pergunta. Segunda pergunta: pode a EMBRAPA programar cursos de recomendação de uso de sementes de manejo nas atividades rurais?

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Muito obrigado, nobre Constituinte Virgílio Galassi pelas suas palavras de incentivo.

Gostaria de saber: este seu oferecimento seria em que localidade?

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Minha base é Uberlândia, mas o triângulo mineiro todo precisa disso.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Já temos um trabalho conjunto com a Universidade de Uberlândia. Estamos pleiteando a instalação da extinta Coalbra, para que possamos colocar lá uma unidade avançada para pesquisa de cerrados, inclusive com um trabalho de extensão do próprio ctac e do nosso Centro de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

Agradecemos muito a V. Exª sua colocação. Poderemos depois conversar, para ver se podemos realizar algum trabalho conjunto neste sentido.

A Embrapa participa das atividades da Epamig, Empresa estadual do Estado de Minas Gerais, com recursos materiais e humanos. Recentemente estive lá e assisti à posse do novo Presidente da Epamig. Estamos muito atentos para que esse órgão também prossiga um trabalho muito significativo, muito produtivo, muito objetivo. A Embrapa está ao lado da Epamig, para continuar dando a sua participação ao Estado de Minas Gerais nesse trabalho que vem desenvolvendo.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concordo com V. Sª.

Realmente a Epamig está desenvolvendo um magnífico trabalho na região.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Vamos lá preocupados.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Relativamente aos cursos de recomendação de uso de sementes e manejo nas atividades rurais, no nosso Centro de Pesquisa de Milho e Sorgo, em Sete Lagoas, já estamos realizando alguns cursos. Já realizamos três cursos sobre irrigação, treinamento de pessoal para irrigação. Poderíamos fazer o treinamento para a produção de sementes, com extensionistas, com técnicos de nível médio, nossos técnicos agrícolas e produtores de sementes. Seria uma forma de agir conjuntamente.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Concedo a palavra ao Sr. Constituinte Alysson Paulinelli.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — Dr. Ormuz Rivaldo, foi uma satisfação ouvir a sua palestra, principalmente seu entusiasmo pela nossa empresa brasileira de conhecimento de agropecuária.

Por razões óbvias, ando muito preocupado em poder mais uma vez colaborar com essa empresa, na fase em que estou vivendo. Gostaria muito que a Embrapa nos ajudasse a estabelecer na Constituinte. Tenho tido esta preocupação. Já recebi um trabalho da Embrapa a respeito do problema do sistema de financiamento. Outro ponto que está me preocupando muito é o sistema de provimento da administração da Empresa. Tive oportunidade de estudar alguns sistemas internacionais, principalmente da Argentina, da França, dos Estados Unidos, da Inglaterra. Não posso dizer que estudei o do Japão, mas pude visitar ali uma das principais instituições de pesquisa. Em todas essas instituições, verifiquei duas coisas: uma grande preocupação em dar estabilidade econômica a essas empresas; em segundo lugar, evitar-se a interferência política nessas instituições.

Portanto, Dr. Ormuz Rivaldo, julgo que a Embrapa poderia ajudar muito esta Subcomissão, embora estes dois assuntos não estejam diretamente relacionados com essa Empresa.

Peço ao nosso Relator nos ajude, porque estou apresentando, nas duas Comissões específicas, propostas de sugestões constitucionais a respeito de financiamento dessas empresas de serviços essenciais e de processo de provimento administrativo nessas empresas. Sugiro que o provimento seja criado através de um sistema. Em primeiro lugar, de mandato; em segundo lugar, de valorização do mérito; em terceiro lugar, da participação dos interessados envolvidos. Faço uma solicitação ao Dr. Ormuz Rivaldo e à atual administração da Embrapa: prestigiem os Conselhos de Administração dos Centros de Pesquisa; que esses Conselhos de Administração, onde estão presentes a representação dos pequenos, dos médios e dos grandes produtores da região de influência e do Governo, façam as indicações em listas tríplice ou múltipla, para que o Governo realize o provimento através desse sistema. Preocupa-me muito. Com muito prazer, se V. Exª quiserem agora ir ao meu Gabinete, irão encontrar, em cima de minha mesa, os doze relatórios da Embrapa, que guardo com muito carinho. Faço questão de acompanhar a vida de todos os cen-

tros dessa Instituição no seus trabalhos de pesquisa. Tenho anotações e naturalmente algumas preocupações, quando vejo essa Empresa ser soprada por vendavais de risco que, às vezes, chegam a essa Instituição.

Peço ao nobre Presidente da EMBRAPA que nos ajudasse com alguma sugestão específica a respeito desses dois itens.

Por outro lado, assustou-me muito a informação de que a EMBRAPA está perdendo os seus técnicos em uma avassaladora renúncia.

As vezes ouço críticas muito grandes a respeito da dívida externa brasileira e tenho confessado que sou um dos causadores de pelo menos duzentos milhões de dólares que, em 1964, conseguimos para treinar 1.530 técnicos, o maior programa de treinamento que o Brasil já teve na sua História, numa área específica, nas melhores universidades do Mundo. Gastou a EMBRAPA, num período de cinco anos, duzentos milhões de dólares. A grande preocupação que eu tinha era que esses técnicos treinados no exterior ou no Brasil, ao retornar à Instituição, encontrassem as condições indispensáveis para usar a sua inteligência e fazer aquilo que desejávamos: a criação e o desenvolvimento da tecnologia tropical para um País tropical chamado Brasil.

Hoje, Dr. Ormuz Rivaldo, como esta sua informação, vejo que alguns inimigos da EMPBRAPA que andam por aí já informando que a EMBRAPA está não só perdendo os seus técnicos, como muitos que lá estão já estão fazendo a Empresa cabide de emprego, com atividades paralelas, perdendo a característica do tempo integral, este é um risco que a nossa Empresa EMBRAPA não pode correr, especialmente ficar sujeita a essa crítica de inimigos que sempre a assolam.

Solicito ao Presidente da EMBRAPA nos diga algo a respeito.

Se o Presidente da Subcomissão me permite, outra observação, para mim, muito alegre a EMBRAPA está efetivamente terminando os entendimentos para assumir o LANARA. O LANARA é também da nossa lavra, é uma Instituição de renda para um País em desenvolvimento como o Brasil. Disse, na época da inauguração dessa Instituição, que tinha medo de que, em vez de o maior laboratório de referência animal de todo o Mundo Subdesenvolvido, se transformasse num elefante-branco. Depois de doze anos, estou tristemente constatando que o elefante-branco sequer se moveu. Espero que a EMBRAPA assumira essa Instituição e evite aquilo que está acontecendo. Hoje, casualmente, estou sabendo que a direção do LANARA está no jogo do interesse de partidos políticos que disputam para a indicação de seus dirigentes.

Estou no campo político, e, no campo político, valorizo o mérito e a Instituição. Se, por acaso, for chamado para a escolha, me recusarei, e entregarei a quem efetivamente deve indicar, os usuários, os técnicos e o Governo que a detém.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Com a palavra o Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Nobre Constituinte Alysso Paulinelli, em primeiro lugar devemos dizer que está quase em fase final o próximo relatório e vamos remetê-lo a V. Exª, para continuar a sua coleção.

Quanto ao sistema de provimento de administração da EMBRAPA — também sou político, o Colega sabe, o Colega de Profissão, não de Parlamento, e em dia chego lá —, estamos contornando muito bem a situação, porque todas aquelas interferências que enfrentamos, conseguimos, através do nosso pouco conhecimento político, chegar a bom termo. Estamos, de maneira geral, fazendo as indicações, nomeando os colegas para as chefias dentro da própria unidade de pesquisa, através da escolha, normalmente, por votação, em lista triplíce. Até hoje não nomeei nenhum chefe de unidade central que não fosse um pesquisador da empresa.

Resisti algumas vezes, e felizmente consegui manter. Não diria que seria política, mas, politicamente, se colocássemos dentro de uma unidade um chefe que não tivesse identidade nenhuma com pesquisa. O chefe tem que ter não só tino administrativo como deve ter algum conhecimento técnico, senão há um risco muito grande de essa unidade não funcionar bem. Felizmente, estamos obtendo sucesso. Tive que tomar algumas providências quando assumi, até tirando companheiros de partido, não vou dizer onde, para não ferir susceptibilidades, e no fim deu tudo certo. Conseguimos dar atenção aos grandes interesses da EMBRAPA e acreditamos mesmo que a política, dentro das unidades, não sena de bom alvitre, porque, a partir da interferência direta da política dentro de uma unidade, partiríamos não para uma política, mas para uma politicagem, como falei, e correríamos o risco de transformar as nossas unidades em currais eleitorais.

Agradeço esse interesse, estou também pronto a discutir com V. Exª e com os meus colaboradores mais diretos, para que também possamos dar contribuição para essa sua proposição, que me parece muito oportuna e excelente para os destinos da Empresa.

A perda de técnicos, quanto a atividades que eles têm para complementar o seu salário, isso prejudica, porque para o pesquisador essa atividade tem que ser uma atividade exclusiva.

O nobre Constituinte, como técnico que é, como agrônomo que é, como engenheiro-agrônomo que é, que já dirigiu tantas entidades importantes, já foi Ministro de Estado, já foi Secretário de Agricultura do seu Estado e agora um Parlamentar, um Constituinte, sabe muito bem que a pesquisa é uma atividade que tem que ter uma dedicação exclusiva, porque o pesquisador tem que estar constantemente estudando, constantemente se atualizando, porque o seu trabalho seria muito prejudicado se tivesse que fazer atividades paralelas.

Com essa vitória que conseguimos, a aprovação do nosso novo Plano de Cargos e Salários, recebemos uma espécie de oxigênio, e os técnicos realmente vão-se dedicar um pouco mais.

Estamos perdendo técnicos, só não digo que estamos perdendo os melhores, porque aí me comprometo também.

Quanto ao LANARA, nobre Deputado Alysso Paulinelli, estamos em negociações com o Ministério da Agricultura, ao qual esse laboratório é subordinado, e temos uma Comissão que está tratando da questão. Queremos, inclusive, transferir aquela nossa Unidade de Sanidade Animal, no Km 47, praticamente para o LANARA, aproveitar-se, assim, todo aquele equipamento, caríssimo por sinal, que existe lá.

Esta é uma preocupação também da EMPRAPA.

O SR. CONSTITUINTE ALYSSON PAULINELLI — E o nosso caro Presidente Ormuz Rivaldo tente reconquistar os doze técnicos que mandamos para os melhores centros e instituições internacionais e nacionais, para fazer seus cursos e administrar o LANARA. Tive informação que resta apenas um, que está esperando a sua aposentadoria. Se isso acontecer, que a EMBRAPA se esforce em retomar esses técnicos à Instituição, porque sei que eles são capazes de tornar o LANARA a grande instituição internacional que deve ser.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Com a palavra o Sr. Constituinte Ubiratan Spinelli.

O SR. CONSTITUINTE UBIRATAN SPINELLI — Sr. Presidente, estamos aqui para complementar as palavras do Constituinte Jonas Pinheiro concernente ao problema da seringueira.

Todos sabemos que durante o período entre a I e II Guerras Mundiais o Brasil era o maior produtor e exportador de borracha. Entretanto, a Inglaterra levou sementes para os seus laboratórios e as plantou no Sudeste asiático, causando, com isso, grande prejuízo ao Brasil, e o Sudeste asiático passou a ser o maior produtor de borracha do Mundo, e o Brasil, o maior importador, importando mais de 70% da sua produção.

Somente na época do Presidente Juscelino Kubitschek se começou a fazer pesquisas, trazendo técnicos holandeses para o Brasil. Esses técnicos, no meu entender, parece que sabotaram, inclusive, os clones que trouxeram de lá o X-25, que era de baixa produtividade e de baixa resistência. Portanto, apesar de boa vontade de Juscelino Kubitschek, fomos sabotados. Com muita luta e muito sacrifício, hoje o Brasil conseguiu algum **Know-how**. No entanto, estamos vendo que agora a borracha no Brasil está em declínio novamente, o plantio da borracha e a sua enxertia, exatamente em Mato Grosso, em Rosário Oeste, Rio Claro, que tinha a plantação de mudas e a entrega aos plantadores de mudas não está acontecendo mais. Essa política vem prejudicando muito Mato Grosso e outros Estados. A própria SUDHEVEA deixou de entregar à EMATER, no ano passado, aproximadamente 20 milhões de cruzeiros. A SUDHEVEA em Mato Grosso praticamente fechou, encerrou suas portas.

É um absurdo que isto aconteça, quando o Brasil consegue já ser altamente técnico nesse setor, perder tudo o que está praticamente aprendendo...

Mato Grosso, pelo seu solo, pelo seu clima, pela sua planície, é área espetacular, poderia também ter Centro de Pesquisa igual ao de Manaus, selecionando os clones para o seu enxerto.

Pergunto a V. Sª: há essa possibilidade ou realmente o Brasil vai lavar as mãos, não quer mais saber de borracha, vai continuar importando borracha do Sudeste asiático, vamos ficar carentes de uma matéria-prima estratégica, de segurança nacional, como é a borracha?

É aviltante para esta Nação, depois de tanto sacrifício, depois de termos **Know-how**, conhecimento, perder tudo isto.

Outra pergunta: qual é a relação entre a EMBRAPA e as universidades, universidades no seu todo, em termos de pesquisa? Estão usando muito pouco universidades juntamente com a EM-

BRAPA, em termos de pesquisa. É uma pena, porque dali poderiam sair técnicos altamente capacitados para suprir o que o Constituinte Alysson Paulinelli falou. Muitos técnicos vão para o exterior, para aprender, para estudar, e nós com a EMBRAPA, com as nossas universidades, com os nossos alunos, poderíamos adquirir também esse Know-how, parece que não está havendo esse intercâmbio entre a EMBRAPA e a universidade.

São estas duas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Com a palavra o nobre Expositor, Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Sr. Presidente, respondo às duas colocações do nobre Constituinte Ubiratan Spinelli.

A respeito da seringueira, hoje a Embrapa realiza pesquisas não só no Amazonas como também através de convênios com a parte de sistema cooperativo, com a EPAMIG, com a EMPA — Empresa de Pesquisa de Mato Grosso —, com o próprio Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo, com a Empresa Pernambucana de Pesquisas, com a Unidade de Rondônia e também com a Unidade de Rio Branco, no Acre.

A borracha é um ponto de hora para o Brasil, porque saiu daqui e sabemos, inclusive, que a borracha artificial, feita do petróleo, também necessita de uma parte de borracha natural. Por enquanto, necessitamos dessa borracha. Deve-se intensificar a pesquisa sobre a seringueira. Estamos procurando entrar em contato com todos os Estados potencialmente produtores de borracha.

V. Ex.^a falou em declínio da seringueira, e o declínio é exatamente uma das doenças da seringueira que está atacando os seringueiros da Região Norte do País. Temos que reestudar o problema da pesquisa da borracha e nos entrosar com os Estados que já estão fazendo grandes plantações de borracha, para que essa seringueira cultivada apresente, realmente, condições de produtividade, e não tenhamos um plantio sem orientação técnica, a fim de se evitar problemas que mais tarde poderão até anular completamente esse empreendimento com os prejuízos daí decorrentes.

Quanto à relação da Embrapa e as universidades, a Embrapa já mantém vários convênios com universidades. Praticamente no mundo inteiro a pesquisa agropecuária é realizada através das universidades. Pouco além da metade do século passado, um dos presidentes dos Estados Unidos mandou criar uma universidade em cada um dos 52 Estados americanos; essas universidades tinham que ter uma Faculdade de Veterinária e uma Faculdade de Agronomia. Tive oportunidade agora, nessa visita que fiz aos Estados Unidos, de visitar várias universidades, e uma me chamou muito a atenção, a Universidade de Butler, em La-Fayette, Indianópolis. Essa Universidade, que já formou tantos pesquisadores nossos e de outras instituições brasileiras, e de Minas Gerais também, principalmente Viçosa, Universidade que a Embrapa mandou pesquisadores desde que foi criada, essa Universidade realiza pesquisas nos Estados Unidos, a pesquisa, a extensão e o ensino são realizados na própria universidade. Eles estão num estágio avançado. Talvez

cheguemos a esse estágio. O emblema dessa Universidade americana tem três partes que significam ensino, pesquisa e extensão. É um estágio que ainda não nos foi possível atingir. Na França e nos países europeus, toda pesquisa é realizada por professores das universidades. Os professores são os mesmos pesquisadores. Devemos reconhecer que eles estão num estágio bem mais avançado do que o nosso. Ainda não podemos adotar esse sistema, mas devemos nos entrosar.

A Embrapa tem esses convênios com as universidades e coordena pesquisas em muitas universidades. Em quase todos os Estados brasileiros temos universidades com convênios com a Embrapa. Somente na minha administração, de 1986 para cá, 14 meses, firmamos mais de 15 convênios com universidades, pois é válida essa aproximação, bem como o aproveitamento dessas pessoas, desses técnicos, desses professores, para desenvolverem pesquisa, não no sentido paralelo, e sim no sentido de desenvolver uma pesquisa dentro do sistema cooperativo de pesquisa agropecuária coordenada pela Embrapa. Somente a Universidade de Piracicaba, a ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, tem mais de 70 projetos de pesquisas financiadas pela Embrapa.

Não estamos descuidando dessa aproximação e queremos aumentar ainda mais esse contato com as universidades.

O SR. CONSTITUINTE UBIATAN SPINELLI — Sou de Mato Grosso e gostaria que V. S.^a anotasse, por favor, porque lá está relegado a traças. Nem SUDHEVEA, nem EMATER. Tudo que se fez lá está-se estragando e se perdendo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Vamos verificar. Estudei e também fiz a minha pós-graduação numa universidade da França, e os meus orientadores e os meus professores eram os mesmos pesquisadores. E funciona muito bem assim.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Dr. Ormuz Freitas Rivaldo, Srs. Constituintes, farei breve intervenção em relação à exposição do Presidente da EMBRAPA.

Como os demais Membros da Comissão, devo fazer um elogio à EMBRAPA, elogio que, aliás, venho fazendo há muito tempo.

Em 1984, quando o PMDB designou uma Comissão com o objetivo de oferecer sugestões ao Programa de Governo do nosso candidato, Governador Tancredo Neves, coube-me a tarefa de, ao lado de outros Companheiros, oferecer as sugestões relativas à agricultura. Lá, nesse trabalho, de que foram editados poucos exemplares, V. S.^a encontrará um trecho no qual, por minha sugestão, está dito que, entre os órgãos da administração federal, a EMBRAPA se apresentava como uma rara exceção, porque, no nosso parecer, aquilo que fora um temporal dos governos autoritários, a determinar a desordem, o caos na administração, não atingira a EMBRAPA, cujos índices de eficiência, de honestidade, de resultados, mereciam o aplauso de todos nós.

Apóio, sobretudo, algumas afirmações feitas aqui por V. S.^a, e devem estar presentes no espírito da Constituição. Uma delas me parece ser, embora as palavras possam ser diferentes, "os povos que não acompanharem o progresso tecnológico ficarão condenados ao atraso e à pobreza."

Hoje não serão mais as forças armadas, nem o comércio, nem as minas que vão determinar o progresso, o bem-estar, e o poder dos povos. Será a tecnologia de ponta, serão as ciências aplicadas à tecnologia que irão assegurar o bem-estar e o progresso das nações.

O Brasil, que já perdeu o bonde do carvão e quase já perdeu o bonde do petróleo, precisa não perder o bonde da informática, da teleinformática e toda a tecnologia moderna que está comandando já o progresso mundial.

Quanto ao substitutivo, sinto divergir de muitas opiniões expedidas aqui e fora daqui. Na verdade, sempre se, afirmou — com muita razão — que este País podia dispensar grande parte do trigo consumido para fabricação de pão, porque poderia incorporar farinha de mandioca, poderia incorporar milho — o pão-de-milho é um pão excelente — e, neste sentido, a EMBRAPA, desenvolveu uma tecnologia própria, de que tenho conhecimento, e só merece os nossos aplausos.

Tenho conhecimento, devo dizer de passagem, um conhecimento muito, próximo dos trabalhos da EMBRAPA, não só pela ligação que, como pequeno agricultor, mantendo com o campo da agronomia, da veterinária, como porque tenho um filho que completou, há dois anos, o mestrado em Veterinária, como técnico da EMBRAPA.

Aquilo que disse o Professor Alysson Paulinelli é uma grande verdade. Creio que o grande benefício que órgãos como a EMBRAPA estão fazendo ao nosso País deviam ser multiplicados por outras instituições, é criar condições para que possamos ter cientistas aplicados à produção nacional, ao desenvolvimento nacional.

Ainda de passagem, como tudo que estamos dizendo aqui está sendo registrado, deixo o meu aplauso não só a muitos dos Centros da EMBRAPA, que tive oportunidade de conhecer, e outros que conheço através de leitura, sobretudo minha especial homenagem ao CPATSA — Centro de Pesquisa Agropecuária do Tropic Semi-Árido, em Petrolina, que reúne hoje 40 cientistas com PLHD em Veterinária, Nutrição Animal, em rastreamento de satélites, em pesquisa de água, subsolo, em todas as especialidades que a Ciência Agronômica e Veterinária pode demandar. É um Centro científico que orgulha o Brasil em qualquer parte do Mundo.

Há pouco tempo tive ocasião de encontrar, em Recife, alguns diplomatas de países africanos, entre eles o de Angola, que estavam interessados em conseguir do Governo brasileiro um acordo, para que alguns técnicos da EMBRAPA pudessem levar alguma ajuda de tecnologia tropical. Eles desenvolveram lá formas admiráveis, ressuscitaram a velha barragem submersa dos númidas do norte da África, a que adicionaram um item moderno, o plástico, e que está revolucionando a situação do semi-árido, permitindo que nos pequenos córregos que são temporários no semi-árido se possam fazer culturas que alimentem a população é o chamado barreiro de salvação, outra descoberta dos técnicos da EMBRAPA para conseguir água, a fim de manter as culturas durante o período da irregularidade pluviométrica do Nordeste.

Há toda uma riqueza de resultados. Aí chegamos com uma limitação, para a qual peço a atenção de V. S.^a, e será a minha primeira pergunta: qual a opinião de V. S.^a sobre a união da EMBRAPA e da EMATER? Por quê? Porque tenho notado

na CPSTSA, como agricultor, como político, que os grandes resultados das pesquisas não chegam, em geral, ao pequeno agricultor. Raro o pequeno agricultor que tem cultura para adquirir revistas técnicas, para conviver com os técnicos. Se tivéssemos essa unidade de pesquisa e extensão, acredito que o resultado seria muito mais profícuo.

E aqui fica a primeira indagação a V. S^a

Adiante, quando se fala em subsídio do trigo, a grande maioria da população, sobretudo da população urbana brasileira, se alimenta, em grande parte, do pão, pão que o corte do subsídio — e disse isto ao Sr. Ministro Francisco Dornelles e o tenho repetido — pode tornar quase inacessível à bolsa do trabalhador brasileiro, trabalhador que pela manhã acorda, que não tem recurso nem tempo para preparar outro alimento.

No campo os trabalhadores têm recursos, tubérculos, inhame, cará, batata, milho. Na cidade o alimento do trabalhador é o pão.

Por outro lado, há uma série de subprodutos, como o farelo do trigo, que são de uso muito rico nas demais atividades agropecuárias e que a elevação do custo pode tornar impraticáveis para os pequenos agricultores, suinicultores etc.

Outra pergunta, é menos uma pergunta do que uma constatação. À página 5 do trabalho aqui distribuído, um trabalho admirável, só quero louvá-lo por este trabalho — "Pesquisando o Presidente e Preservando o Futuro", está dito que o pequeno produtor é responsável por aproximadamente 80% da produção total de milho do País.

É uma afirmação que, com pequena variação, nós, defensores da reforma agrária, temos feito nesta Comissão, no plenário e há longo tempo no País: a produção de mandioca, a produção de milho, a produção de alimentos básicos para o mercado interno, na sua maioria, vêm da pequena propriedade.

Folgo em registrar esta afirmação, aqui confirmada no documento da Embrapa, e peço a V. S^a uma confirmação desta declaração.

Por último, duas perguntas: tem a Embrapa conhecimento do volume, da proporção ou da porcentagem de recursos que as multinacionais produtoras de insumos para a agricultura, para a veterinária, despendem no Brasil? Os produtores de agrotóxicos, de inseticidas, de vacinas, quanto gastarão do seu faturamento total no Brasil em pesquisas? A pesquisa que está sendo feita é exclusivamente do poder público ou essas empresas gastam alguma importância expressiva em pesquisa?

A última pergunta será quanto à questão da produção de sementes, sementes básicas, sementes certificadas: a Embrapa tem condições de ter algum planejamento para fornecê-las a pequenos agricultores?

Adiante a V. S^a, só para terminar, que procurarei incorporar ao relatório e submeter à Subcomissão algumas das propostas aqui expostas no trabalho apresentado pela EMBRAPA sobre a pesquisa agropecuária e a Constituinte, em relação a um tratamento constitucional dos objetivos da pesquisa, embora salientando que deva fazê-lo em conjunto com a discriminação também da extensão.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Nobre Deputado Oswaldo Lima Filho, agradeço, primeiramente, a V. Ex^a suas palavras com referência à Embrapa, nos estimula muito.

Respondendo, então, às suas perguntas, inicialmente falarei sobre a pesquisa-extensão.

Não entendi bem, se a sua pergunta se refere à União da pesquisa-extensão ou ao entrosamento de atividade dessas duas instituições, porque foram criadas exatamente para trabalhar interrelacionadas, integradas, e assim estão fazendo.

É claro, muitos agricultores ainda não recebem uma assistência, porque é difícil o atendimento de todos os produtores.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Torno mais clara a minha pergunta. A idéia que alguns técnicos compartilham é de saber se seria possível a integração completa desses dois órgãos, de forma que, ao lado de cada unidade de pesquisa, funcionasse outra de extensão.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Temos exemplos que a fusão entre as duas entidades não tem dado bom resultado. A própria Argentina, que tem uma instituição que engloba pesquisa e extensão, já está tentando copiar o sistema da Embrapa, aliás, do Brasil, que tem uma instituição de pesquisa e extensão, porque viram que, ao longo da experiência que tiveram, não funcionou muito bem, elas devem estar próximas um da outra, para que, realmente, se entrossem melhor e trabalhem de uma forma conjunta, aumentando a eficiência. Para isto a Embrapa tem — e a ele me referi — o Departamento de Difusão de Tecnologia, exatamente para manter o contato com os técnicos extensionistas.

Esse é trabalho que dificilmente chegará ao ponto de atender a todos os agricultores. Sempre alguém vai cobrar a visita do extensionista.

O SR. CONSTITUINTE UBIRATAN SPINELLI — Só para reforçar um pouco.

Na Argentina já não deu certo. Temos outro exemplo aqui, no Brasil, que — acredito — não vai dar muito certo, porque o nível do pesquisador é um e o nível do técnico do campo é outro. Está faltando, e o nobre Relator tem que constatar, é importante que tenham em mente que o nível do técnico, a quantidade de técnicos que temos ainda no Brasil é muito pequena para abranger a quantidade de produtores.

Ontem, vimos que temos um potencial de 4 milhões de pequenos e médios produtores que precisam de assistência técnica, e apenas temos atendido a um milhão e duzentos e cinquenta produtores, em função da relação de um técnico para determinada quantidade de produtos rurais.

Nosso nobre relator tem em mente exatamente o que está acontecendo. A terminologia existe, o que não existe hoje, em quantidade, qualidade temos, o que não há em quantidade é o técnico extensionista para fazer a difusão dessa tecnologia.

O SR. CONSTITUINTE UBIRATAN SPINELLI — Acredito até que os grandes resultados da pesquisa, em muitos casos, não chegam a ser conhecidos nem mesmo dos próprios extensionistas. Eles mesmos não conhecem muitos resultados da pesquisa.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Está havendo o entrosamento das duas empresas, através da compatibilização, entre pesquisa, extensão e assistência técnica. Até hoje não tenho conhecimento de divergência profunda a respeito das duas empresas para que façam os dois trabalhos.

A respeito da retirada do subsídio do trigo, estudos demonstram que aumentaria apenas em 30% o custo final do pão.

De maneira geral, qualquer farinha que se acrescente à farinha de trigo só traz benefícios em termos nutritivos. Particularmente, se colocar farinha de soja, o pão vai ficar mais nutritivo: farinha de milho, vai ficar mais nutritivo, enfim. Está-se hoje impedindo a utilização dessas farinhas, porque o subsídio do trigo impede que isso aconteça, como já relatei aqui. Técnicos de pesquisa de mandioca pediram, entre outras coisas, o final do subsídio.

Seria uma opção a mais, porque não são todas as regiões que produzem trigo. Mandioca pode ser produzida em todo o Brasil; milho, também; a soja, hoje, graças ao trabalho da EMBRAPA, também.

Seria um benefício para a sociedade brasileira e aquele de menor poder aquisitivo poderia também comer o seu pão com valor nutritivo maior.

Esta afirmativa do folheto, que 80% do milho é produzido pelo pequeno produtor, talvez seja 70%. Não se tem um dado estatístico exato, porque, muitas vezes, é feito pela amostragem. O fato, Sr. Presidente, é que temos a maior parte dos alimentos do Brasil. Sabemos que, no mínimo, 70% são produzidos pelo pequeno produtor. Daí o nosso interesse em atender o pequeno produtor e socializar a nossa pesquisa agrícola, para que o pequeno produtor realmente receba essa atenção do Poder Público, através de uma assistência mais efetiva e permanente.

Quanto às multinacionais, não acredito que gastem em pesquisa muito dinheiro. Não tenho esse dado para responder a V. Ex^a, poderei verificar depois. As pesquisas — para conseguir determinada fórmula lá fora, porque todas elas são de outros países, temos inúmeras e não há necessidade de citá-las, todo o mundo conhece, gastam milhões e milhões de dólares, francos ou outra moeda qualquer, e depois esse dinheiro tem que ser recuperado.

Impingem-nos, aqui, a utilização cada vez maior de venenos, de agrotóxicos. É que estamos buscando minimizar, através de um efetivo controle biológico em todas as culturas, para que, como já tivemos oportunidade de dizer, também diminua essa agressão, esse envenenamento, porque V. Ex^a Sabem que morre ainda muita gente no Brasil envenenada por esses produtos que agredem o nosso meio ambiente e levam muitas divisões do Brasil.

Só para dar uma idéia...

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Sobre este aspecto adiante ao ilustre expositor que ofereci à Constituinte proposta que resulta de um projeto de minha autoria, disciplinando e proibindo o uso de organoclorado, prevendo-se a instituição de incentivo aos produtores de inseticidas biológicos. Essa sugestão prevê a isenção do Imposto de Renda e de Produtos Industrializados para as empresas produtoras de inseticidas biológicos.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Para desenvolver uma agricultura biológica, uma agricultura orgânica? Ótimo, parabéns.

Voltando ao assunto que focalizava, as pressões são muitas. Um exemplo. Até pouco tempo, para se produzir um quilo de soja no Brasil se gastavam

50 gramas de inseticida; enquanto que, nos Estados Unidos, para produzir esse mesmo quilo de soja, apenas eram necessárias 2 gramas. Então, gastávamos 25 vezes mais, simplesmente.

O que isso representa? Não é só o gasto desnecessário como a degradação do meio ambiente.

Realmente, é um problema muito sério e um dos temas que a EMBRAPA deverá desenvolver cada vez mais, para que tenhamos uma agricultura alternativa, com métodos alternativos, com métodos que permitam que esse terreno, como disse, seja explorado de forma indefinida, porque, no momento em que estamos usando um produto — e V. Ex^a referiu-se aos clorados — os clorados, há alguns desse produtos que chegam a ficar 20 anos sem sofrer transformações no solo, um DDT, um BHC, um Aldrin, que são produtos clorados altamente estáveis. Quando estão no solo, ao abrigo da chuva e da luz solar, ficam praticamente sem se decompor, agredindo toda a flora microbiana do solo e diminuindo, inclusive, a capacidade de retenção de água, alterando a estrutura física, química e biológica do solo, acarretando prejuízos, desde a erosão até outros prejuízos que impedem o cultivo neste mesmo solo, às vezes, por muitos anos.

Sua última pergunta: Se a semente produzida pelo nosso Serviço de Produção de Sementes Básicas chega ao produtor? Posso garantir a V. Ex^a que chega. Só não chega mais porque, talvez, não tenhamos mais sementes. Ela chega ao pequeno produtor, principalmente ao pequeno produtor. Temos várias unidades de produção de sementes básicas obtidas através de uma semente genética. Cito o exemplo de Petrolina, que é um dos maiores produtores. Lá essa semente chega diretamente ao pequeno produtor.

O SR. CONSTITUINTE UIRATAN SPINELLI — Dou o meu testemunho. Verifiquei lá.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Sr. Presidente, V. Ex^a me permite uma pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Pois não.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Ontem discutimos aqui o Estado de Santa Catarina como modelo brasileiro do sistema fundiário bem dividido. Pude fazer uma observação — Dr. Ormuz Rivaldo, sendo um homem do Sul, V. Ex^a poderá ou não confirmar — de que Santa Catarina é realmente o grande destaque brasileiro, principalmente porque, na pequena propriedade de Santa Catarina, temos uma soma de valores. Sem dúvida nenhuma, o valor humano é o principal, porque é realmente uma colonização fantástica.

Segundo, porque toda a atividade normalmente se processa à base de confinamento: confinamento de aves, confinamento de suínos, confinamento de leiteiros.

Terceiro, porque isto está integrado a um sistema industrial fantástico. Santa Catarina deve ter hoje, no mínimo, 20 indústrias de médio e grande porte dedicadas ao consumo, ao abate, à absorção desse produto do confinamento e, principalmente, são indústrias altamente especializadas, que dão acabamentos especiais a esse produto. Não é um abate simples, é um aproveitamento total. E também a oportunidade, em função da existência desse confinamento e dessa integra-

ção, do uso do adubo orgânico. Viajei muito por Santa Catarina, parte do Paraná, e notei que existe realmente um aproveitamento completo. Mesmo assim, grande produtor de grãos, especialmente de milho, Santa Catarina não é auto-suficiente, ainda importa o milho para sustentar essas propriedades que têm por base esse confinamento.

A pergunta: Essa produção é porque é a pequena propriedade ou é porque é a pequena propriedade em plena integração dentro de um sistema?

O SR. OSMUZ FREITAS RIVALDO — Tenho a impressão de que são as duas coisas. Temos, inclusive, o exemplo das microbacias, onde se faz toda uma sistematização de solos e esse solo não sofre erosão. Ele permite até o aproveitamento de resíduos dos próprios produtos, a desintegração, a decomposição dos restos culturais, que realmente se incorporam ao solo e servem de alimento para outras culturas que forem por exemplo, plantadas depois desta colheita do milho.

Talvez, por ser pequena a propriedade é que há um cuidado maior do plantio, que representa, então, o, maior reponsável pelo aumento da produtividade.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Só terminando, Sr. Presidente, porque, realmente, discutimos muito aqui a necessidade de uma política agrícola...

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Peço ao nobre Deputado seja breve, porque já tomamos muito tempo, prendemos durante longo período o nosso expositor.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Sr. Presidente, não há problema nenhum. Estou à inteira disposição.

O SR. CONSTITUINTE VIRGÍLIO GALASSI — Tenho certeza de que S. S^o está muito satisfeito com a interpeleção.

Discute-se muito aqui, na Subcomissão, a necessidade da existência de uma política agrária, como também de um política agrícola. Então, esses esclarecimentos vêm contribuir. Queremos a política agrária — todos querem a política agrária —, mas queremos uma política agrária bem assistida, sustentada e voltada, sem dúvida nenhuma, dentro do possível, é lógico — o Brasil está começando —, para os objetivos do desenvolvimento.

É só, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Sr. Expositor, Dr. Ormuz Rivaldo, Srs. Constituintes, em nome dos companheiros da Subcomissão da Política Agrícola e Fundiária e Reforma Agrária, manifesto ao Dr. Ormuz Rivaldo, Presidente da EMBRAPA, o nosso reconhecimento, o nosso sincero agradecimento pela exposição magnífica com que nos brindou, e nos trouxe notícia de resultados muito animadores em relação à pesquisa agropecuária no Brasil, à ação dos nossos técnicos e tudo aquilo que podemos esperar da ação da EMBRAPA no Brasil.

Muito grato.

O SR. CONSTITUINTE JONAS RIBEIRO — Sr. Presidente, antes de encerrar, deixo, mais uma vez, para reflexão, para estudo de V. Ex^a, que mesmo numa convocação extraordinária, como foi a de hoje, em que tivemos três horas de debate,

com todo interesse do nosso Companheiro Constituinte, que V. Ex^a e como Relator, estudo, junto à Mesa a possibilidade de ouvirmos esses órgãos que estão plenamente relacionados...

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Adianto ao prezado Companheiro Constituinte Jonas Ribeiro que estou de pleno acordo com esta idéia que tenho defendido e vou levá-la ao Presidente Edison Lobão, no sentido de que, através de reuniões extraordinárias, possamos convocar o Presidente da CFP, da Cibrazém...

O SR. CONSTITUINTE JONAS RIBEIRO — E também um técnico sobre política de crédito rural

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Com a palavra o Dr. Ormuz Rivaldo.

O SR. ORMUZ FREITAS RIVALDO — Uma palavra final.

Fico muito gratificado, mais uma vez digo, por ter tido esta oportunidade de vir aqui, a este plenário, e dizer alguma coisa sobre a instituição Embrapa.

Desde já, coloco-me à disposição dos parlamentares, dos constituintes, eu e toda a minha equipe, todos os funcionários, todos os pesquisadores da Embrapa, para que V. Ex^as possam recorrer, se for necessário, a nós, no sentido de colher subsídios, para nos ajudarem nessa tarefa gigantesca que é ter uma instituição cada vez mais forte.

Por isto tudo, manifesto esta satisfação que tive e tenham a certeza de que acredito no trabalho de V. Ex^a. Agradeço muito esta oportunidade, que me foi muito gratificante.

Muito obrigado a todos. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Oswaldo Lima Filho) — Nada mais havendo a tratar, vou encerrar os nossos trabalhos.

Está encerrada a reunião.
(Encerra-se a reunião às 17 horas e 20 minutos.)

COMISSÃO DA ORDEM SOCIAL

Subcomissão dos Negros,
Populações Indígenas,
Pessoas Deficientes
e Minorias

ATA DA 3ª REUNIÃO,
REALIZADA DIA 22 DE ABRIL DE 1987

Aos vinte e dois dias do mês de abril de mil novecentos e oitenta e sete, às nove horas e trinta minutos, em sala do Anexo II do Senado Federal, reuniu-se a Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias, sob a Presidência do Senhor Constituinte Ivo Lech, com a presença dos seguintes constituintes: Nelson Seixas, Lourival Baptista, Edvaldo Motta, Vasco Alves, José Carlos Sabóia, Benedita da Silva, Alcení Guerra, Salatiel Carvalho, Doretto Campanari, Maurílio Ferreira Lima, José Moura, Sarney Filho, Severo Gomes e Jacy Scanagatta. Havendo número regimental o Senhor Presidente declarou iniciados os trabalhos e solicitou que fosse dispensada a leitura da ata da reunião anterior, que foi